dma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

2015
Anno LXII Mensile
n. 1/2 Gennaio/Febbraio

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art.1, comma 2 - DCB Roma

ALARGAI O OLHAR

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável
Mariagrazia Curti
Redação
Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore
Colaboradoras
Maria Américo • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Carla Castellino • Piera Cavaglià
Maria Antonia Chinello
Anna Rita Cristaino • Emilia Di Massimo •
Dora Eylenstein • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez
Debbie Ponsaran • Maria Rossi
Eleana Salas • Martha Séïde
Giuseppina Teruggi
Tradutoras
francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • *Janina Stankiewicz*
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias Áustria - Alemanha
EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL
Instituto Internacional Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma
c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970
Sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,
lei 662/96 Filial de Roma
n. 01/02 janeiro/fevereiro de 2014
Tip. Instituto Salesiano Pio XI
Via Umbertide 11 00181 Roma
USPI
ASSOCIADA
UNIÃO IMPRENSA PERIÓDICA ITALIANA

Edição em Português

SUMÁRIO

04 *Editorial* — *Dma 2015*

Primeiro plano

06 *A paz é o caminho* — *A paz não é um sonho*

08 *Mulheres no contexto* — *Mulheres nas terras da alegria*

09 *Cultura ecológica* — *A ecologia no centro do cenário mundial*

11 *Fio de Ariadne* — *Encontros e desencontros*

14 *DOSSIÊ* — *Alargai o olhar*

Em busca

23 *Dom e Culturas* — *A aposta na gratuidade*

25 *A Palavra* — *Emaús: um desconhecido se aproxima*

27 *Carisma e liderança* — *Ser pai/mãe: identidade e missão*

Comunicar

28 *Um olhar sobre o mundo* — *A coragem de partir*

32 *Vida consagrada* — *Comunicação e comunhão com Deus*

34 *Vídeo* — *Culpa das das estrelas*

35 *Livro* — *A luz sobre os oceanos*

37 *Música* — *O Pais e filhos: entre amores e conflitos*

38 *Camilla* — *Recreação*

EDITORIAL *neste número*

Dma 2015

Neste ano, os caminhos pessoais e comunitários são orientados pelo evento capitular, definido como uma experiência do Espírito Santo e de formação permanente. Ele entregou, para cada FMA e comunidades, escolhas e passos concretos para o futuro. O título do Documento capitular *"Alargai o olhar. Ser com os jovens, missionárias de esperança e de alegria"* é um chamado e um empenho a atualizar a experiência vivida, caracterizada por um forte dinamismo de missionariedade. A Revista DMA coloca-se nesta ótica e se dispõe a acompanhar as FMA, os leigos e os jovens no processo de assimilação e de tradução vital dos conteúdos emersos do CG XXIII, realizado em Roma.

Alguns aspectos do Documento são aprofundados, sobretudo por meio do Dossiê cujo título *Alargai o olhar* é o *leitmotiv* e o estímulo para perscrutar a realidade e o mundo com olhos novos. Além disso, o momento histórico que estamos vivendo é rico de sinais e de chamados. Em particular, o Ano da Vida Consagrada e o Bicentenário do nascimento de Dom Bosco são dons e apelos para tornar mais luminosa a nossa identidade de consagradas na Igreja e na sociedade de hoje.

O DMA, este ano, apresenta algumas novas rubricas que se referem a temas da atualidade. *A Paz é o caminho,* dá a conhecer, por meio dos testemunhos das FMA e leigos, as situações de conflito em curso e quais são os passos concretos a serem dados para se promover uma cultura da Paz. A página da *Palavra* contribui para facilitar a oração com os jovens e o povo, enquanto a rubrica *Carisma e Liderança* apresenta, na dúplice veste de quem é animadora e da comunidade, as características de uma líder eficaz com referência carismática a algumas figuras salesianas.

Os temas da Vida Consagrada encontram espaço na rubrica *Mulheres no contexto,* com a apresentação da beleza e riqueza da feminilidade que, conscientemente acolhida, confere cor e calor à alegria da própria identidade de consagradas. Na seção *Comunicar,* em vez, o tema da consagração é posto em confronto com a sociedade atual e com o Magistério da Igreja.

Enfim, no *Dossiê* de cada número serão apresentados os *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, desde a* luta contra a fome e a pobreza até a tutela do ambiente, a promoção dos direitos da mulher, a derrota da mortalidade infantil... Desafios aos quais não é possível desatender.

A nossa Revista deseja alargar o olhar, ser instrumento de formação não apenas para as FMA, mas também para tantos leigos e jovens que frequentam as nossas casas. Além disso, pode tornar-se cada vez mais de ajuda para as animadoras de comunidade e para os educadores e educadoras, que são chamados a "ser *com os jovens missionários de esperança e de alegria".*

Desejo a todos um Bom Ano, em companhia da Revista DMA!

A redação

dma

primopiano

primeiro plano

Approfondimenti biblici educativi e formativi

Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos

A paz não é um sonho

Emília di Massimo, Gabriella Imperatore

"Parem, por favor, eu lhes peço de todo coração, parem". Foi o aflito apelo do papa Francisco, no Angelus dominical, contra as guerras que estão devastando o Oriente Médio, o Iraque e a Ucrânia. Uma paz que falta, não apenas nos territórios que voltaram a ser notícia no exterior, no último período, pois os lugares nos quais estão em curso conflitos sanguinários, estão espalhados pelo mundo todo. Dramas, nem sempre narrados, que desenham um mapa geopolítico impressionante pela quantidade de conflitos duradouros e aparentemente insolúveis, também por causa de uma diplomacia internacional muitas vezes inconcludente.

O mundo está em guerra. Nunca, desde o final da segunda guerra mundial, esteve como hoje. O mundo não conheceu um dia no qual cada Estado vivesse numa 'paz' intensa não como ausência de guerra, mas como atitude, comportamento, tanto pessoal como social. Procurar a causa disso não é simples. Nelson Mandela, grande Líder africano, defensor dos Direitos Humanos e Prêmio Nobel da Paz, sustentava: «A paz não é um sonho, pode tornar-se realidade; mas para guardá-la é preciso ser capaz de sonhar». A atenção, porém, não é posta apenas nos grandes conflitos, os que se tornam um fenômeno midiático e se transformam em espetáculo, mas também nos conflitos desconhecidos, aqueles pelos quais ninguém se interessa porque não existem interesses econômicos, nascem como uma questão ou um evento, aparentemente locais, mas sempre apresentam aspectos de caráter internacional ou global. A revolução midiática produziu uma série de mudanças sociais, econômicas e políticas graças ao evento da digitalização de grande parte dos acessos à informação; ela contribuiu para mudar profundamente o próprio conceito de comunicação.

O desenvolvimento de instrumentos interativos provocou a proliferação e a multiplicação dos canais de acesso à informação, os quais mudaram as modalidades em que ocorre o ato de comunicação.

A respeito do terrorismo islâmico e da 'guerra global', somos informados todos os dias, mesmo se, frequentemente, de modo propagandístico e parcial. E, no entanto ninguém fala das outras dezenas de conflitos que ocorrem nas periferias mais pobres da aldeia global, lá onde a informação globalizada não chega.

Pergunta-se, então: *"Estamos realmente mais informados e mais libertados em nossas escolhas?".* Um mapa sintético dos conflitos atuais em curso poderia ser um teste de avaliação que cada um pode fazer pessoalmente para responder ao quesito proposto. Atualmente 62 Estados estão envolvidos em guerras internacionais ou internas, às quais devem acrescentar-se 549 milícias, cartéis de droga, grupos independentistas, grupos separatistas e grupos anárquicos envolvidos. Pontos quentes são: Egito (revolta popular contra o Governo), Líbia (guerra contra os militantes islâmicos), Mali (guerra contra os tuaregues e militantes islâmicos), Nigéria (guerra contra os militantes islâmicos), República Centro Africana (guerra civil), República Democrática do Congo (guerra contra os grupos rebeldes), Somália (guerra contra os militantes islâmicos), Sudão (guerra contra os grupos rebeldes), Sudão Sul (guerra civil). O número dos conflitos atualmente em curso é realmente inacreditável.

A resposta ainda é a paz

Procurar compreender um conflito significa colocar-se na escola dos 'rostos', para evitar o risco de focalizar a atenção somente nos fatos, esquecendo que os protagonistas são pessoas que têm sentimentos, vivem emoções e guardam no coração muitos desejos, precisamente como cada um de nós.

Diante da falência de muitas iniciativas de paz, Decepak Chopra – médico indiano – propõe uma estratégia alternativa para desconfigurar a cultura da guerra, a mesma que era proposta por Mahatma Gandhi: *"Não há um caminho para a paz, a paz é o caminho".*

O médico indiano afirma: « Como todo vício, a guerra escavou um sulco nas nossas mentes. Procuramos a guerra como o fumante obstinado procura um cigarro, reclamando constantemente que o deve deixar. A guerra tornou-se um hábito, um vício. Para arrancá-la, ocorre adquirir o vício da paz ».

Os episódios de guerra, violência e terrorismo suscitam medo e angústia na alma da nossa sociedade contemporânea. Em Todo o mundo as pessoas desejam ardentemente encontrar a paz e ser capaz de dar conforto aos flagelados e aos oprimidos.

Todavia, seria ingênuo e superficial definir tais episódios como um exemplo de pura malvadez e depravação. Na realidade, nós todos estamos evolvidos na violência que tem lugar no mundo. Cada um está envolvido na intrincada rede da injustiça social, disparidades econômicas, desastres ecológicos, guerras e terrorismo.

Mahatma Gandhi declarou que se continuássemos por este caminho todo o mundo iria ficar cego. *Conseguiremos por ventura ver além da nossa cegueira e criar uma comunidade global de humanidade interligada?*

emiliadimassimo@libero.it
gimperatore@cgfma.org

Os ataques terroristas, as guerras declaradas e/ou escondidas, as pequenas e grandes violências que atingem cada parte do mundo devem criar em nós o desejo de viver pela paz, acima de tudo. Frequentemente as violências se alastram por causa da falta de cultura, de um nacionalismo nocivo, da ignorância e das profundas disparidades econômicas entre as classes sociais. Existem causas aos montes, mas há esperança de que estas causas possam ser mudadas, usando como meio não a guerra, mas a paz.

Os verbos da Paz

Cada um de nós pode ajudar a promover uma cultura da Paz, multiplicando pequenas ações no cotidiano.

ser Paz/pensar Paz
sentir Paz/falar Paz
agir Paz/ criar Paz
compartilhar a Paz

Mulheres nas terras da alegria

Palma Lionetti

Começar uma nova Rubrica dedicada às Mulheres evitando repetições e lugares comuns, não é uma empresa fácil.

Poder-se-ia repetir, usando uma metáfora literária, o que aconteceu no célebre romance de Júlio Verne "Viagem ao centro da terra", no qual todos os instrumentos que os protagonistas possuem no início (o barômetro, as armas, as picaretas...) são perdidos durante a viagem, deixando o homem nu diante da natureza.

Certamente é um risco escrever sobre as mulheres, mas, apesar disso é sempre "estupendo, magnífico, esplêndido", como um dos protagonistas do citado romance exprime ou comenta no final de cada empreendimento, porque os enfrenta com a confiança e o otimismo de quem olha para a possibilidade de penetrar nos mistérios de uma dimensão diferente que, no nosso caso, é a feminilidade.

A riqueza da feminilidade

Os pontos que são explorados na carta circular aos consagrados e às consagradas para o ano da Vida Consagrada, com o título "Alegrai-vos", nos acompanharão nesta viagem "às terras da alegria", como batedores semânticos.

Exploraremos a riqueza da feminilidade que, conscientemente acolhida, confere colorido e calor à alegria da consagração. As urgências do mundo atual pedem a resposta do gênio feminino.

Uma plenitude nascerá quando a contribuição feminina for plenamente reconhecida pela consciência masculina.

Mas para realizar esta viagem, que é mais uma peregrinação interior, como diz Papa Francisco, precisamos colocar-nos em estado de "escuta" antes de adentrar as terras preciosas e fecundas do grande recurso que é a feminilidade.

Por isso, existe uma Odisseia relatada ao feminino longe de toda presunção heroica, ligada mais ao cotidiano, à fadiga da condição da mulher; uma viagem mais interior, em uma aparente imobilidade, porém livre de restrição e prisioneira em sua liberdade. Então, mover-se nas terras de uma feminilidade consciente e alegre significa talvez andar fora do senso comum, a partir da recuperação de uma autêntica consciência do próprio valor.

Infelizmente ao nosso inato "senso de culpa" acrescenta-se, às vezes, o medo de não ter sucesso, a falta de reconhecimento que nos torna tímidas no proceder, no avançar, tímidas no desejar, no querer.

O medo investe também um juízo de mérito, nós mulheres nos sentimos sempre menos capazes do que os homens; tememos o seu juízo, mesmo se muitas vezes, tememos muito mais o juízo das outras mulheres.

Porém, ao lado destas "fragilidades" há luminosos "pontos de força", como aquela alegria que nasce na mulher quando se sente profundamente habitada pelo amor, aquele amor que a torna corajosa, audaz que – colocando de lado o vitimismo – contrasta a agressividade com a prática de um poder que gera alegria, porque capaz de fazer equipe, de dar responsabilidades a outros, sem sentir-se diminuída, de dar concretude às palavras, àquelas palavras que sabem gerar um clima positivo.

Uma armadilha para nós mulheres

O vitimismo, verdadeira armadilha para nós mulheres, nos fecha em um sentimento particularíssimo, que é o rancor.

É interessante a etimologia da palavra em italiano: *rancore* do latim rancere, que se refere a um alimento estragado, que tem aquele cheiro desagradável e aquele sabor ácido que todos conhecemos. Então, devemos estar atentas ao que hospedamos no coração e na mente!

Sentimentos semelhantes aos poucos nos sugam a energia interior necessária para adquirir um protagonismo diferente, feito de liberdade e leveza; um protagonismo polido, elegante, jamais expresso com grosseria, como um mergulho sem gotas de lama, como a vaporização no ambiente de uma delicada fragrância que não incomoda, mas agrada.

Então, o fato de sermos mulheres é uma fortuna para a humanidade, mesmo se ser mulher não seja fácil... Não o foi para Maria de Nazaré, Catarina de Sena, Teresa d´Ávila, Maria Domingas Mazzarello; como não o foi para Indira Gandhi, Evita Perón, Marie Curie, Jane Austen, Maria Zambrano, Simone Weil, Maria Callas, Grace Kelly, Marilyn Monroe.

Ser mulher é um privilégio... Um privilégio que, como disse Irina, cidadã da Europa imigrada na Itália para um trabalho que agora perdeu, se goza no íntimo de si, na confiança entre semelhantes ou na companhia de homens conscientes, ou nas grandes provas. Em suma, o que de mais feminino se colhe em toda a sua potência luminosa no encontro entre as coisas ordinárias da vida e alcança as extraordinárias!

palmlionetti@gmail.com

Cultura Ecológica

A ecologia no centro do cenário mundial

Julia Arciniegas - Martha Séïde

Um olhar sobre os últimos números das revistas mais conhecidas internacionalmente e uma breve pesquisa na Internet, nos fazem constatar que o tema ecológico ocupa um lugar central na opinião pública mundial.

A salvaguarda da Criação torna-se um ponto de encontro entre as diversas confissões religiosas que convergem ao pedir intervenções urgentes e concretas contra as mudanças climáticas e a favor dos diversos planos para a proteção do ambiente.

2015 um ano ecológico

O ano de 2015 verá o desdobramento de inúmeros eventos internacionais que colocam no centro iniciativas que têm o objetivo de empenhar-se na promoção de um desenvolvimento ambiental sustentável e duradouro. A ONU chegou a afirmar que os *Objetivos do Milênio* não foram alcançados porque não houve a integração dos aspectos econômicos, sociais e ambientais do desenvolvimento sustentável, como havia sido previsto. A nova agenda pós-2015 deve levar em conta os resultados e o acompanhamento da Rio+20 em direção uma "economia verde" que não seja apenas uma melhoria ambiental, mas um novo paradigma que busque aliviar as ameaças globais como a mudança climática, a perda da biodiversidade, a desertificação, a exaustão dos recursos naturais e, ao mesmo tempo, promover o bem-estar social e econômico.

À margem de alguns eventos de 2015

Coerente com os dados registrados, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou 2015 o "Ano internacional da Luz e das tecnologias baseadas na Luz (IYL 2015)". Esta é uma iniciativa global que visa a aumentar o conhecimento e a consciência de cada cidadão sobre o modo com que as tecnologias baseadas na luz promovem o desenvolvimento sustentável e fornecem soluções aos desafios globais, por exemplo, nos campos da energia, da instrução, da comunicação, da saúde e da agricultura (cf http://iyl2015.inaf.it/).

A França sediará a *Conferência Paris 2015 sobre o clima* (COP21). Este encontro previsto para dezembro de 2015 deverá assinalar uma etapa decisiva nas negociações do futuro acordo internacional, para

depois de 2020. O escopo da Conferência será que todos os países estejam empenhados, por um acordo universal obrigatório sobre o clima (cf http://www.amba-france-it.org/La-Francia-ospitera-la-COP21).

As concentrações do gás estufa na atmosfera alcançaram o seu maior nível em 800 mil anos. As emissões mundiais devem ser reduzidas de 40 a 70% até 2050. «Devemos agir agora para contribuir com a prosperidade econômica, com um melhor estado de saúde e para tornar as cidades mais habitáveis», afirmou o secretário geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon (02.11.2014).

O evento central do próximo ano será indubitavelmente a "Expo Milão 2015". Uma Exposição Universal com características absolutamente inéditas e inovadoras. Não apenas uma resenha expositiva, mas também um processo participativo que pretende implicar ativamente numerosos assuntos em torno de um tema decisivo: *"Nutrir o Planeta, Energia pela Vida".* De 1º de maio a 31 de outubro de 2015, 184 dias de evento, mais de 130 Países participantes e 20 milhões de Visitantes provenientes de todo o mundo ver-se-ão envolvidos em um debate sobre temas universais ligados à alimentação e ao desenvolvimento sustentável (http://www.expo2015.org/it/cos-e).

Motivos de esperança

A atenção à integridade da Criação é um sinal dos tempos. Não apenas responde às problemáticas emergentes, mas torna-se também uma possibilidade para as alianças entre os grupos, os movimentos, as diversas confissões.

Bartolomeo, o Patriarca ecumênico de Constantinopla, sugeriu para junho de 2015 um congresso ecológico na própria sede do Fanar, em Istambul, sobre o tema *"Teologia, ecologia e Logos, diálogo sobre o ambiente, a literatura e as artes"*.

Conversou várias vezes com o Papa Francisco a respeito deste tema e, no encontro que tiveram na Terra Santa, firmaram uma declaração conjunta, na qual, no número 6, escrevem: *"Estamos profundamente convencidos de que o futuro da família humana depende também de como soubermos custodiar, de modo sábio e amoroso, com justiça e equidade, o dom da criação a nós confiado por Deus"* (25 de maio de 2014).

Com grande esperança aguardamos, portanto, a encíclica sobre a ecologia, anunciada repetidamente pela mídia e já confirmada em várias ocasiões pelo próprio Pontífice.

Apostar na educação

Hoje já está difundida a ideia de que não se pode pensar em resolver o problema ecológico sem uma profunda mudança cultural e um repensamento dos estilos de vida.

Portanto, torna-se urgente educar a uma nova consciência ecológica em vista de um desenvolvimento sustentável, isto é, um desenvolvimento orientado à promoção da pessoa na sua integridade, em harmonia com a criação (cf PAOLO VI, *Populorum Progressio*, 14).

É um convite a assumir a tarefa educativa a partir da perspectiva ecológica para formar ao amor e à proteção da criação no empenho de tornar efetiva a cidadania planetária.

j.arciniegas@cgfma.org, mseide@yahoo.com

CONTRA LUZ

Um evento a ser acompanhado: Dom Bosco na Expo Milão 2015

A presença salesiana na Expo Milão 2015 é um evento a acompanhar.

Contará com uma estrutura de cerca de 350 m^2 cobertos, num terreno de 747 m^2, por 6 meses.

O pavilhão terá o nome de *"Casa Dom Bosco"* e desenvolverá o tema: *"Educar os jovens, energia para a vida".* Com esta presença a Família Salesiana fará ressonância ao Bicentenário de Dom Bosco e à Estreia de 2015 e, sobretudo, chamará a atenção do mundo inteiro sobre os jovens, "a porção mais delicada e mais preciosa da sociedade humana", como dizia Dom Bosco.

É uma ocasião única, providencial e desafiadora pelo fato de interagir com o mundo inteiro quase (mais de 140 Nações participantes), para oferecer a nossa contribuição cultural e educativa inspirada em Dom Bosco, a fim de fazer compreender e de testemunhar como os jovens são importantes à vida de cada comunidade social e eclesial e ao planeta inteiro. (http://www.infoans.org/, 7/11/2014).

Encontros e desencontros

Giuseppina Teruggi

A vida é relação: parece uma afirmação óbvia. Com efeito, é uma verdade fundamental**:** o que seria a vida, o mundo sem alguém com quem dialogar, confrontar-nos, entender-nos, também desencontrar-nos?

Podemos ser mais ou menos sociais, preferir talvez ficar sozinhos, mas em geral todos admitem que o que conta é a qualidade da rede comunicativa na qual nos encontramos imersos a cada momento. E aquela qualidade depende em grande parte de nós.

O processo da relação

A atenção à dimensão humana da relação remonta a Sigmund Freud, o fundador da psicanálise.

Foi ele que elaborou a intuição de que duas ou mais pessoas em relação formam um contexto diverso de duas ou mais pessoas independentes ou desencaixadas.

Consequentemente, o desenvolvimento positivo do ser humano está ligado a relações boas**;** a patologia dos comportamentos depende muito da experiência de relações difíceis ou defensivas.

O conhecimento de si, a autoestima, a motivação para agir e projetar o futuro têm como fundamento a relação com os pais ou as figuras genitoriais, e com os primeiros educadores. Hoje há concordância em atribuir à *boa relação* um valor essencial para um crescimento equilibrado da pessoa, mesmo com a convicção de que não existem modelos resolutivos para uma formação harmônica da personalidade. De fato, intervêm outros fatores ligados também ao patrimônio genético de cada um.

No relacionamento interpessoal existe uma influência recíproca**:** é inevitável. Mesmo na relação mãe-bebê, desde o período da gestação. Em situação de relação, as pessoas modificam reciprocamente os próprios conteúdos interiores, as reações e os estilos comportamentais. A relação se consolida e enriquece quando se torna *interação,* ou seja, relação entre o modo de uma colocar-se diante da outra como pessoas. Sobretudo quando se faz *encontro.*

Eu – Tu

Deve-se em particular a Martin Buber a especificação do ser humano como indivíduo e como pessoa.

A individualidade exprime-se na distinção de outras individualidades, enquanto o ser pessoa se manifesta entrando em relação com outras pessoas.

É exatamente na relação que o *Eu* se torna real. A relação Eu – Tu é necessariamente recíproca, porque o *Tu* opera sobre o *Eu* assim como o *Eu* sobre o *Tu.* Cada *Eu* se põe diante do *Tu* como radicalmente outro e o confirma como tal, em autenticidade e reciprocidade.

Para o filósofo vienense, o sentido fundamental da existência humana encontra-se no princípio dialógico, isto é, na capacidade de *estar em relação* com as outras pessoas, com a natureza, com as entidades espirituais, em um relacionamento *Eu – Tu.* O ser humano autêntico define-se como "pessoa que na relação *Eu – Tu* toma consciência de si como subjetividade" (Enciclopédia Garzanti de Filosofia).

Segundo Buber, nos dias atuais vive-se uma profunda crise causada também pela desagregação das tradicionais formas de convivência social: a família, a aldeia, as associações de trabalho, que permitiam estabelecer um encontro pessoal e autêntico com os outros, com a participação quase automática dos membros.

A cultura atual é marcada por situações sociológicas e midiáticas novas, que tendem a deixar a pessoa em uma solidão social, que é possível superar somente na relação interpessoal e comunitária. De fato, unicamente no encontro com o "outro", a pessoa pode entrar na sua realidade verdadeira, vencer a solidão e o isolamento. É no encontro que o indivíduo se torna pessoa.

Armadilhas da relação

Um modo inadequado de comunicação entre as pessoas pode complicar a vida e arruinar os nossos encontros, chegando até a transformá-los em desencontros. Também porque, como nas relações verbais, o que é recebida não é apenas a mensagem em si, as palavras que usamos, a verdade de tudo quanto dizemos. O que toca com mais força é o estado emotivo, a intenção com que nos relacionamos com o outro ao passar-lhe a mensagem, e o modo como nós nos colocamos psicologicamente diante da pessoa.

A influência destes aspectos é tão grande que frequentemente termina por ser a força motriz da comunicação, aquilo que dá o êxito, eficaz ou destrutivo.

Por exemplo, em uma relação na qual a *comunicação é agressiva,* tende-se a sujeitar a outra pessoa, mesmo se inconscientemente. O objetivo implícito que se transmite é uma busca de afirmação pessoal e das próprias razões, sem escutar e compreender as dos outros. Nesta situação domina a regra "eu venço, você perde".

Também o estilo expressivo o evidencia**:** o tom autoritário, os ritmos rápidos que deixam pouco espaço à reflexão, a tendência a sobrepor-se ao interlocutor também levantando a voz, a forte presença do pronome "eu", as opiniões apresentadas como fatos e os direitos como deveres. Às vezes até mesmo sarcasmo.

Podem-se multiplicar os exemplos também em nossas comunidades. Como quando Maria exclama impacientemente: *"Mas Anna! Por que você nunca faz isto direito?".* Anna irritada pela crítica generalizada e por não ver o seu trabalho desenvolvido com empenho reconhecido, reage: *"Evidentemente você nunca me explica bem o que devo fazer".* Maria insiste, ainda mais tensa: *"Ah, e agora seria também culpa minha? Lembro-me muito bem daquilo que lhe disse; tenho ótima memória, EU".*

Anna sempre mais aflita e desesperada: *"Ah, você está me dizendo que eu invento as coisas. Compreendi que... ".* E Maria: *"A única que provoca a polêmica é você!".*

Nas relações, há quem, ao contrário, recorre a um estilo de ***comunicação passiva.*** Coloca-se em segundo plano, cedendo ao outro o poder sobre a situação. O objetivo é proteger-se do temido perigo: "eu perco, você vence". Neste caso o estilo expressivo é livre de afirmações pessoais e assume uma forma vaga, fugaz. O pronome "eu" aparece pouco, são frequentes os apelos aos próprios deveres e as expressões de justificação, autocomiseração e minimização das próprias necessidades.

Se há diálogo, tende-se a exaurir rapidamente a conversa e a subtrair-se com rapidez à situação de ansiedade gerada por um confronto. A pessoa deseja "permanecer em paz", evitar o conflito.

Trata-se de uma forma que talvez atraia a simpatia e a benevolência daqueles a quem incomoda um interlocutor condescendente.

Todavia, o preço a ser pago é que frequentemente os outros acabam por impor a própria vontade e, também, prevaricar. Com uma atitude passiva, os problemas interpessoais não se enfrentam, não são bem geridos. Antes, tendem a agravar-se com repercussões negativas sobre a própria autoestima e o risco possível de deslizar ou mais cedo ou mais tarde em um estilo agressivo. Sentimentos de culpa, uma baixa estima, ou também uma correção excessiva podem levar a viver situações do gênero. Não se experimenta uma autêntica relação "interpessoal".

'Eu venço, você vence': é a comunicação assertiva

Como reagir a situações comunicativas difíceis sem se tornar agressivos e sem aguentar passivamente? Nas nossas comunidades educativas é normal ter de lidar com pessoas de caráter, formação, estilos diferentes. Encontramo-nos às vezes com interlocutores de modos prontos, imediatos, invasivos, manipuladores, indiscretos. Ou nós mesmos podemos exprimir-nos assim.

Advertimos sobre a necessidade de saber como gerir os nossos estilos de relação, para não envolver-nos em inúteis discussões ou desagradáveis tensões.

Mesmo se não for sempre possível transformar a relação em uma comunicação agradável e satisfatória, todos nós desejamos viver encontros significativos, serenos ou ao menos sair deles com o menor dano possível.

De fato, às vezes as nossas relações provocam vestígios de sofrimento, de incompreensão, de amargura.

Há estratégias de relação que têm em comum o não ser agressivas nem passivas, tutelando ao mesmo tempo as próprias exigências e aspirações**:** são aquelas inerentes à comunicação assertiva.

O estilo agressivo e o passivo comportam insatisfações pelo menos para uma das partes. A comunicação assertiva – da qual a Revista tratou em um artigo precedente – concede espaço tanto aos próprios sentimentos como aos do outro, às respectivas exigências e estados de ânimo, e isto graças ao confronto, à escuta, a um acordo leal de transparência, à possibilidade de "deixar-nos errar".

Somos assertivos quando nos exprimimos de um modo claro, com voz expressiva, olhando para o rosto do outro, sem querer intimidá-lo. Nós o somos quando as nossas opiniões não são oferecidas como fatos indiscutíveis e as nossas exigências são apresentadas como tais, isto é, como desejos, não obrigações ou pretensões.

As sugestões são dadas de modo livre e libertador, não obrigatório nem culposo, e as críticas são construtivas. As perguntas são motivadas pelo querer compreender melhor o outro, e não por curiosidade, e as soluções propostas visam a resolver os problemas de interesse recíproco.

A comunicação assertiva apoia-se no pressuposto**:** "Eu venço, você vence", e se baseia na consciência dos direitos emocionais de cada pessoa.

Na trama cotidiana da vida, diante de ataques manipuladores ou sem motivo, é útil procurar deslocar *a atenção de si mesmo aos comportamentos ou à situação concreta,* e aceitar a possibilidade de haver cometido erros sem, porém, fazer concessões a este respeito. Deste modo pode-se transformar a discussão em um confronto construtivo e em uma oportunidade de crescimento recíproco.

Reencontramos Maria explodindo de novo com Anna: *"Mas, vamos! Por que não faz direito estas coisas?"* Anna, procurando concentrar-se no problema e não na sua própria irritação, responde: *"Empenhei-me muito, mas deve existir algum detalhe que ainda não me ficou claro. Explique-me o que não está bem, assim vamos adiante".*

Provavelmente este tipo de resposta ajudaria 'toda Maria' a redimensionar as suas avaliações e o seu estilo. E, em vez do desencontro permitiria criar o encontro.

gteruggi@cgfma.org

dossier

dma

dossiê

Allargate lo sguardo

Alargai o olhar

Alargai o olhar

Anna Rita Cristaino

“ Abri o coração para acolher as moções interiores da graça de Deus; alargai o olhar para reconhecer as necessidades mais autênticas e as urgências de uma sociedade e de uma geração que mudam ”. (Papa Francisco, Discurso na Audiência às Capitulares, em 8 de novembro de 2014)

Rostos, esperanças, sorrisos; escuta, diálogo, conhecimento recíproco; línguas, modos diversos de ser e de pensar, tudo isto constitui o mosaico que caracterizou o Capítulo Geral XXIII das FMA. Uma grande assembleia que se colocou à escuta do Espírito Santo para procurar compreender o que o Senhor quer fazer com cada uma e com o Instituto hoje. A experiência vivida no capítulo pode ser relatada com três verbos: *parar, olhar, ir.*

Parar

Chegar de situações diversas vividas nas respectivas inspetorias, com desafios cotidianos que interpelam a nossa vida, a nossa missão, o nosso estar com os jovens, fez nascer a necessidade de *parar.* O caminho desenvolvido, aquele mais próximo do sexênio apenas terminado, os processos iniciados, os concluídos e os que são previstos, tudo tinha necessidade de uma grande recompreensão. Parar para tomar consciência de si e passar de uma visão ligada ao local das próprias inspetorias a uma visão universal na qual cada parte se insere naquele todo feito de 83 inspetorias, em 94 nações do mundo, com aproximadamente 13.000 FMA. Parar para conhecer, para aprender quanto e como o carisma continua com criatividade a encarnar-se e a inculturar-se em tantas áreas do mundo. Parar para fazer despertar em todas, a grande paixão pelos jovens, pelo carisma salesiano e o grande amor pelo Instituto que, não obstante os diversos “achaques”, está vivo e trabalha em prol de tantos jovens em todo o mundo.

Olhar

Parar é apenas uma primeira etapa do percurso que conduz à sucessiva etapa , que é *olhar.* Lembrando uma frase de David Cooperrieder que diz: «O nosso mundo não é um problema que devemos resolver, mas um milagre que devemos abraçar» compreende-se a importância de olhar o mundo com ternura, abraçando o milagre e não nos defendendo dele. No fundo o mundo é o lugar onde somos chamadas a existir, a testemunhar e a anunciar a Boa Nova do Evangelho. Por isso olhamos para os desafios do contesto atual no qual vivemos como *um chamado de Deus.*

Ele nos fala e nos convida a encontrar respostas novas e adequadas aos tempos em contínua mudança que estamos vivendo. Olhar para as nossas comunidades, não para evidenciar os seus defeitos e problemas, mas para amá-las assim como são e com amor curá-las e dar a elas um novo impulso.

Olhar para cada jovem com esperança, testemunhando a alegria de haver encontrado o Senhor da nossa vida, sem o qual as nossas existências seriam tétricas e escuras.

Ir

Toda a experiência vivida durante o tempo capitular, foi um convite contínuo a *ir com os* jovens, em uma missão que leva a estar em permanente estado de "saída". Diante de tantos chamados de Deus, que nos interpela continuamente com tudo o que acontece ao nosso redor e dentro de nós, não se pode permanecer parados, inermes.

É importante que se sinta forte o desejo de partir 'sem demora', sem medo de deixar as próprias seguranças, de abandonar a mediocridade e, com coragem, tomar caminhos novos que se abrem no momento em que voltamos a entrar em contato com as pessoas.

Ir com os jovens para um encontro verdadeiro com Jesus, a fim de poder redescobrir a alegria do anúncio. Ir com os mais pequeninos e os mais pobres. Somente o contato cotidiano com eles nos fará enxergar a realidade que parte das suas exigências, um olhar "convertido" e evangelizado pela pequenez, pela pobreza, pela precariedade.

O ponto de partida

A reflexão partiu da vida do Instituto, do mundo, dos jovens, dos pobres e colocou o objetivo de procurar em conjunto um caminho para *ser com os jovens, casa que evangeliza.* Foram cinco as perguntas que, a partir do *Instrumento de trabalho*, permitiram aprofundar o tema articulado em cinco núcleos**:** Como anunciar Jesus num mundo em mudança, a uma geração em mudança? Qual é hoje a nova visão de comunidade com os jovens para ser profecia de vida religiosa salesiana? Como situar-nos na cultura da comunicação? Por que com toda a formação que recebemos a vida não muda? Estamos apenas restaurando ou fazendo algo de novo?

A beleza do nosso Instituto, também com suas feridas e fragilidades, encoraja-nos a continuar encarnando o carisma, vivo e profético, nos diversos Países do mundo onde vivem e trabalham tantas FMA. Hoje é necessário acreditar que o Instituto tem a dizer uma palavra sua, original. O mundo nos pede para testemunhar a nossa "diferença" e isto para nós se torna um empenho a permanecer coerentes e fiéis à Verdade do Evangelho.

Querer olhar os desafios como um chamado de Deus e como uma oportunidade de fidelidade torna-se uma resposta ao apelo de *ser com* os jovens e os adultos, para pesquisar e trabalhar juntos em favor de outros jovens, para que cada vez mais eles cheguem ao encontro vital e humanizante com Jesus, nas diversas experiências da vida.

Uma palavra que ressoou com frequência durante o tempo do CG XXIII, tanto entre as capitulares, quanto entre quem o acompanhou da própria casa, foi a palavra 'novidade'**:** O que há de novo? Qual é a novidade deste capítulo?

A novidade não se fabrica, a novidade deixa-se emergir e crescer, a novidade tem necessidade de espaço, de fé e confiança, de coragem e de clarividência, de caminhos pessoais e comunitários. Por isso, para ser comunidades novas, é necessário realizar com decisão as *mudanças de mentalidade* para dispor-nos a deixar esquemas consolidados e às vezes um tanto superados, e começar a olhar para a missão educativa com olhos novos. Somente um olhar novo, que parte da perspectiva da esperança e da alegria, pode favorecer as novas escolhas e os passos concretos em diversos níveis: local, inspetorial, geral.

Como os discípulos Emaús

O momento atual que estamos vivendo como vida consagrada e como Instituto, muitas vezes nos leva a ser como aqueles discípulos que, depois da morte de Jesus na cruz, pensam que tudo se acabou e que as suas esperanças para o futuro estão para sempre frustradas.

Mas a sua experiência nos fala de uma mudança. Os discípulos que veem com olhos tristes e desiludidos os fatos da morte de Jesus na cruz, deixam-se, porém, aproximar por um forasteiro ao qual abrem o coração confessando as suas dúvidas e as suas tristezas. Enquanto escutam aquele desconhecido que os ajuda a ler a sua realidade à luz das Escrituras, o seu coração começa a arder, ao ponto de não querer deixar partir aquele que, com suas palavras, consegue tocar o íntimo das suas existências. Têm medo da escuridão que avança e têm medo também de perder aquela pequena luz que entreveem nas palavras daquele que se fez seu próximo. Em casa o convidam para a ceia. Jesus parte o pão e seus olhos se abrem. Estão prontos, foram preparados durante o caminho para uma mudança, para deixarem de lado a tristeza a fim de acolher a novidade do Reino de Deus. Eles o reconhecem e a sua alegria é imensa. O mundo externo com as suas contradições, as suas luzes e sombras é o mesmo, são eles que estão novos, que estão diferentes. Deixaram-se transformar por um *encontro* que quando é autêntico muda a vida para sempre.

Juntos retomam o caminho para Jerusalém**:** cada tesouro da graça não pode ser enterrado possessivamente, mas compartilhado com toda a comunidade e então os dois discípulos voltam para a companhia dos demais a fim de relatar o que lhes havia acontecido, partem sem demora como missionários da esperança e da alegria.

Um olhar novo

A pobreza, a perspectiva das periferias, o estar com os jovens, as nossas relações tornadas novas por uma profunda vida de comunhão com o Senhor, a nossa paixão educativa e evangelizadora, nos impulsionam a perscrutar o horizonte a fim de entrever o que o mundo e os jovens esperam de nós.

É importante saber acolher o inédito do mundo, da vida de cada FMA e das comunidades, de todo o universo juvenil. Acolhê-lo e compreendê-lo para agir com coragem, evangelicamente, com respostas carismáticas e com a paixão do DMA.

Perceber que em torno de nós há situações prementes de pobreza, não nos deixa indiferentes. O contato com os pobres, ficar com eles, sentir compaixão por eles, ou seja, sofrer com eles, ajuda-nos a crescer no amor, a tornar-nos mais humanas e a ter uma perspectiva diferente sobre a educação!

Para nós, ser preventivas quer dizer sonhar um mundo mais justo, mais vivível para todos, um mundo em que cada um possa fazer a sua parte com liberdade, um mundo no qual a humanidade inteira possa sentir-se bem e dar o melhor se di.

Para os nossos jovens, sonhamos o melhor: sonhamos para eles uma vida feliz, empenhada, cheia de amor e solidariedade, fruto de uma vida de fé autêntica e profunda.

E são precisamente os jovens que nos ensinam o sentido da "diferença" cristã. É a vida vivida com eles, com os mais pequeninos, com aqueles que, por qualquer motivo foram marginalizados pela sociedade, que nos ensinará a ser pobres, a olhar para o mundo e para nós mesmos com olhos novos. Como está escrito no *Instrumento de trabalho* do CG XXIII: «A periferia não é apenas um lugar geográfico, mas também uma prospectiva através da qual olhar a realidade a fim de acolher a misteriosa sabedoria que o Espírito Santo nos comunica por meio dos pobres que se identificam com os jovens mais necessitados».

É esta a "prospectiva", "a ótica das periferias" à qual tantas vezes nos convida o Papa Francisco, que nos faz temer apenas a "tranquilidade" e a busca da "vida sossegada".

Para nós, ser felizes não quer dizer ausência de dificuldades, porque a nossa alegria deriva da esperança e da fé n´Aquele a quem tudo é possível.

Eis porque deveremos aprender a agradecer a Deus por todas as vezes que Ele nos desacomoda!

O horizonte

«Espero que todas as comunidades façam de modo a colocar em ato os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária que não pode deixar as coisas como estão. (...) Constituamo-nos, em todas as regiões da terra, em "estado permanente de missão" » (FRANCISCO, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* n. 25-27, 24 de novembro de 2013).

Estas palavras do Papa Francisco são um apelo a renovar a paixão e o empenho para a missão educativa evangelizadora, em qualquer situação, em qualquer obra, tradicional ou inédita, que torne visível o carisma salesiano.

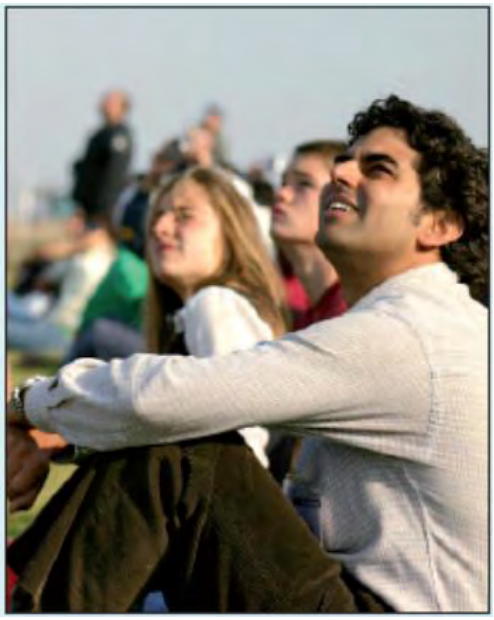
Devemos sentir diretamente dirigido a nós o apelo feito pelo Papa a toda a Igreja, de colocar-se em movimento e sair das próprias seguranças. De fato, a Igreja, por sua natureza, não pode não ser missionária, deve manter "as portas abertas" para "sair em direção aos outros" e " alcançar as periferia humanas". Para o Papa Francisco, uma Igreja que não anuncia o Evangelho é uma igreja em retiro nas instâncias vazias de uma mundanidade espiritual que não produz fruto, antes, corre o risco de causar dano. É porque somos amados por Deus que somos renovados à sua imagem e tornados capazes de dar testemunho e de ser instrumentos da sua misericórdia. Nós amamos porque Deus nos amou por primeiro (cf 1 Jo 4,19) e ocorre que, continuamente, nos reconhecemos sedentos deste amor, necessitados de conversão.

Eis o coração pulsante da perene renovação da Igreja! E também o nosso. A familiaridade com Jesus e o conhecimento não superficial do mistério da sua existência constituem, realmente, o fundamento do discernimento pastoral comunitário.

Eis porque a *Conversão pastoral* é o horizonte a partir do qual gerar passos concretos e escolhas importantes. Uma conversão que impele a sair das próprias mediocridades, a escolher uma vida autêntica a fim de que a vida religiosa seja verdadeira profecia.

Para uma nova evangelização, é importante ter consciência de que somente um encontro pessoal e autêntico com Jesus, nas diversas fases da vida, nos

transforma interiormente, nos faz viver relações novas, nos leva à comunhão entre nós e com os jovens, e nos dá a coragem de ousar caminhos novos.



Portanto, para efetuar uma verdadeira conversão pastoral é necessária a contribuição de cada uma de nós. Não existem álibis de idade, papéis, postos e circunstâncias. Cada uma, partindo de si mesma pode ativar caminhos de transformação que tornarão a sua realidade mais evangélica.

A partir de tudo isso as três grandes escolhas, que o CG XXIII entregou a todo o Instituto são: *Transformadas pelo Encontro; Juntamente com os jovens; Missionárias de esperança e de alegria.*

Faz-se o caminho, caminhando

Este é apenas o início. O caminho continua nas diversas realidades locais onde cada uma é chamada a se deixar transformar para ser, juntamente com os jovens, missionários da esperança e da alegria, assim como nos foi augurado pela Madre Yvonne Reungoat em sua saudação final do Capítulo Geral XXIII**:** «O coração se abre ao reconhecimento pela riqueza de experiência que vivemos e compartilhamos. Uma riqueza que descobriremos progressivamente quando voltarmos à vida cotidiana. Vivemos uma experiência feita de escuta recíproca, de diálogo, de discernimento e oração, sobretudo de grande esperança.

O Capítulo no seu desenrolar foi um tempo forte de formação permanente e, seguramente, alguma coisa mudou em nós ».

Também a Revista DMA, nos próximos dossiês seguirá este caminho para compartilharmos juntas o percurso que o Instituto quer empreender, como a própria Madre nos convida a fazer: «...reafirmemos juntas a confiança na ação maravilhosa do Espírito que age na Igreja, no Instituto, na humanidade e sobretudo nos jovens. Continuemos a decifrar sua voz entre as tantas vozes de cada dia, a descobrir os seus chamados a "sair", a libertar-nos dos nossos esquemas e dos nossos medos para sermos verdadeiras colaboradoras do Espírito na evangelização, na ajuda aos jovens, sobretudo os mais pobres, para que encontrem Jesus e sejam na Igreja, evangelizadores de outros jovens.

Uma nova porta se abre hoje aos nossos passos**:** são passos que nos levam para o meio do mundo a fim de acender uma nova luz, ser presença educativa eficaz em meio aos jovens e oferecer a todos um testemunho profético. Jesus nos alcança enquanto estamos em caminho. É o nosso coração que vai reconhecê-lo, mas devemos estar sempre em alerta como as sentinelas ».

arcristaino@cgfma.org

Vão em frente com entusiasmo...

Não posso senão encorajá-las a ir adiante com entusiasmo netas linhas de ação que o Espírito Santo lhes está sugerindo. Abram o coração para acolher as moções interiores da graça de Deus; alarguem o olhar, alarguem o olhar para reconhecer as necessidades mais urgentes de uma sociedade e de uma geração em mudança.

Sejam por toda parte testemunhas proféticas e presenças educativas, mediante uma acolhida incondicional dos jovens, enfrentando o desafio da interculturalidade e especificando percursos para tornar eficazes as suas intervenções apostólicas em um contexto – o contexto juvenil – permeado pelo mundo virtual e pelas novas tecnologias, especialmente as digitais.(...) Ocorre colocar sempre Cristo no centro da própria existência; ocorre deixar-se plasmar pela Palavra de Deus, que ilumina, orienta e sustenta; ocorre alimentar o espírito missionário com a oração perseverante, com a adoração, com aquele "perder tempo" diante do Tabernáculo. Sejam para todos missionárias da esperança e da alegria, testemunhando os valores próprios da sua identidade salesiana, especialmente a categoria do encontro, aspecto fundamental do seu carisma**:** ele é uma fonte borbulhante e vital à qual podem saciar a sede daquele amor que revitaliza a paixão por Deus e pelos jovens.

As inevitáveis dificuldades, que se encontram pelo caminho, não afrouxem o entusiasmo da sua ação apostólica. Antes, o exemplo de São João Bosco e de Santa Maria Domingas Mazzarello as provoque a contribuir com um entusiasmo ainda maior para a nova evangelização, com suas atividades no âmbito da educação e da escola, da catequese e da formação dos jovens ao apostolado.

(Papa Francisco, Discurso na Audiência às Capitulares, 8 de novembro de 2014)

Quatro pilares para ser casa

Acolhida

O jovem que atravessa a soleira de uma comunidade FMA deve sentir-se e experimentar-se como o centro das atenções de cada Irmã, deve sentir-se importante, necessário, o predileto do jeito de Dom Bosco**;** hoje, mais que nunca, torna-se decisivo o acompanhamento pessoal, que dá, a quem está crescendo, a certeza de ser amado, compreendido e acolhido no seu ser mais profundo, puro e real. O jovem que foi acolhido deve encontrar pessoas dispostas a se fazerem próximas de sua situação e capazes de amá-lo na sua pobreza**;** uma acolhida que deve evitar "abaixar o tiro" para chegar a todos, mas se esforça com criatividade para fazer propostas diferenciadas, apontando ao máximo para cada um.

Maternidade

O ser mulher implica a predisposição natural para ser mãe**:** e é este desejo e capacidade de trazer em si, de sustentar, de nutrir e depois, também, de deixar ir, que deve transparecer da relação com uma Filha de Maria Auxiliadora. Casca dura, coração terníssimo**;** a capacidade de ser normativa, mas em vista de um bem maior, o de cada jovem**;** de tornar explícito o mais possível o Amor que investe e permeia o relacionamento com os jovens.

Testemunho

Testemunha-se pelo próprio conhecimento direto**:** é necessário, portanto que Cristo transpareça em cada uma das ações, dos movimentos, dos pensamentos de uma Filha de Maria Auxiliadora, precisamente porque, graças à sua especial consagração, ela tem conhecimento direto e se empenha em transmitir este conhecimento (que não deve ser exclusivamente teórico) a quem quer que atravesse a soleira da casa. É Ele o centro da vida de uma FMA, assim como é Ele quem ama, se alegra, espera com e para cada jovem.

Oração

Ser antes de tudo autênticas mulheres de oração**:** um desafio, em um tempo no qual lhes propor uma fé não "fai da te", nem exclusivamente funcional para os sacramentos ou marcada por um "do ut des" e por uma satisfação imediata tem como direta consequência o afastamento daqueles que "usam" Deus. Ao mesmo tempo, uma espiritualidade deste gênero aproxima e envolve de maneira clara quem experimenta o contato com uma fé "genuína", radical, não morna, mas em contínua busca e no diálogo profundo.

A casa verdadeira é aquela onde mora uma família**:** construir relações marcadas pela familiaridade, ou pela capacidade de estar bem junto dos jovens, colocando-os no centro para aprender a *ficar* com eles, preocupando-se em seguida apenas com o *fazer*.

E isto significa ter a coragem de abrir as estruturas, as mentes, os corações; compartilhar a cotidianidade da comunidade com os muitos que atravessam a sua soleira; abrir para os momentos de oração e mostrar a beleza de ser mulher, cristã consagrada; redescobrir o valor da colaboração com os Salesianos não apenas em nível de atividade e de pastoral, mas rumo à construção de uma casa para toda a Família Salesiana**;** acolher com veracidade os mais pobres, também a respeito das novas pobrezas não materiais, mas espirituais e existenciais**;** ao mesmo tempo redescobrir a pobreza como dado carismático, sem a qual não seríamos nem mesmo capazes de viver o espírito salesiano**;** insistir com coragem que são os últimos os preferidos, porque "feridos por primeiro" pela vida.

(Os jovens às Capitulares, 11 de outubro de 2014)

AGENDA PÓS-2015

UM DESAFIO QUE NÃO PODEMOS PERDER!

Os Objetivos de desenvolvimento do Milênio
sancionados pela Assembleia Geral da ONU em 2000
foram as metas mais ambiciosas
jamais estabelecidas pela Comunidade internacional,
a serem alcançadas até dezembro de 2015.

Combate à fome e à pobreza, tutela do ambiente,
promoção dos direitos da mulher,
derrota da mortalidade infantil, da AIDS e da malária...

Os resultados obtidos foram diferentes
e desiguais nos vários Continentes e Países.

A comunidade internacional
hoje é chamada à elaboração da nova Agenda
que constituirá o quadro de referência
para o desenvolvimento nos anos sucessivos ao 2015.

AGENDA PÓS-2015

Os pobres não podem esperar...

AGENDA PÓS-2015

**Os objetivos do Milênio são atingíveis.
Não podemos permitir-nos
desatender às nossas responsabilidades.
Lembram-nos disso 1,4 bilhões de pessoas
que vivem em condições de pobreza.**

dma
in ricerca
em busca
Lettura
evangelica
dei fatti
contemporanei
Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

O desafio da gratuidade

Mara Borsi

Há algum tempo impôs-se uma cultura de crise: vive-se em um clima de difusa insatisfação e mal estar. Existe a insatisfação de quem percebe que "o ter" não paga e a insatisfação de quem não sabe enfrentar os problemas que a vida lhe impõe. Existe o sarcasmo niilista de quem se sente provocado pela vida e existe quem prega o abandono a um novo consumismo. Todavia, neste contexto, há alguns valores emergentes aos quais os jovens são muito sensíveis. Entre eles está a 'gratuidade'.

A gratuidade, em uma época de desencanto e de angústia, é um modo original de agarrar-se à vida na sua espontaneidade, contra a lógica da dominação e da apropriação, contra a mercantilização da vida e a destruição dos recursos naturais. Gratuidade diz busca terminaram; também para os jovens. Em família e no trabalho, num grupo como a escola, predomina uma atitude de tolerância. Em família busca-se viver o que une em nível afetivo ultrapassando as divisões mesmo presentes em nível de posições, interpretações e modelos de vida. No trabalho e na escola, o objetivo veio a se tornar a criação de um ambiente humano, sobretudo por meio de uma melhora das interações com os companheiros.

De olho nos jovens

Quando se colhe com atenção o mundo dos jovens parece que eles se repropõem a escolha entre duas lógicas existenciais, a do ter e a do ser.

No contexto da lógica da posse, a vida no fundo é pensada como um vazio a ser preenchido. Vive-se de cálculo administrando em tudo uma espécie de dupla entrada feita para dar e ter, sempre em equilíbrio. Em uma lógica de vida inspirada na gratuidade concebe-se a si mesmo e aos outros como riqueza que nasce do e paixão pela vida em todas as suas formas. A gratuidade sustenta e confirma a cultura do dom.

Dom e mercado

O dom é um gesto unilateral, assimétrico, que exprime a gratuidade e, deste modo, contradiz a lei do mercado como troca equivalente. O que o dom gera é uma nova sociedade que antes não existia.

Hoje, o mercado tornou-se uma lógica, um conjunto de ideias e categorias na cabeça das pessoas e, portanto, o mercado é muito mais do que economia, finança, multinacionais ou outras realidades materiais. O homem está reduzido ao *hommo oeconomicus* e o mundo está reduzido ao mercado. Eis porque na mentalidade popular domina a lógica da competitividade.

Precisamente na crise o conflito parece difundir-se em toda parte. Os tempos de conflito, para muitos, mistério insondável da vida. A relação com os outros não é regulada na entrada dupla, mas na necessidade de «oferecer» a própria riqueza interior. A vida não é pensada como um vazio a ser preenchido, mas como uma riqueza, mistério a ser descoberto e comunicado. Quem se inspira nesta lógica sente-se realizado quando chega a dar de modo desinteressado.

mara@fmails.it

VIDES Internacional: a palavra aos jovens

O dia 22 de janeiro é cinzento e barrento. A pobreza muito mais do que material é dada pela insatisfação e pela delinquência que governam o bairro, nem todos os olhares são bonitos e profundos como os das crianças com as quais ficávamos o dia todo, alguns são sombrios, escuros como as barracas em torno de nós.

Porém, não obstante tudo, alguma coisa permitia a mim Flávia, e a Lavínia admirar com entusiasmo tudo aquilo que nos circundava. Três FMA acompanharam a experiência de voluntariado VIDES: Ir. Vilma, Ir. Tati e Ir. Marta Riccioli.

No início perguntamos: « Em que podemos nos doar? E se doar quer dizer receber, o que levaremos para casa?». Eis a resposta às nossas interrogações: a capacidade de doar incondicionalmente e a interiorização da unicidade do nosso doar-nos.

Os presentes para nós começaram no primeiro dia: a generosa hospitalidade da gente do lugar, a essencialidade dos barracos em folha de metal, perfumados pelo lixo queimado para assegurar-nos calor e luz, o sorriso de paz, não de todos, e uma comida sempre pronta, para se dizer 'obrigada'.

Mas o dom maior que ninguém nos tirará, recebemos das crianças: a Segurança.

Muitas vezes sentimos medo de não realizar, de dar algum passo errado. Mas nós éramos protegidas pelas crianças Juan, Milagros e Wanda que, colocando suas mãozinhas nas nossas, diziam-nos em segredo: «Estejam tranquilas, aqui estamos nós». E então, muitas coisas belas: o piquenique das 17:00, as canções, as danças em grupo, Vilma, Tati, Marta. E o nosso dom para eles... Onde está?

Está no "agradecimento" a todos, aos grandes e aos pequenos, agradecimento por aquele entusiasmo que apenas duas meninas, de 18 anos, puderam oferecer. Nossa experiência não terminou com o retorno a Roma, mas continua a crescer, a amadurecer.

Observar e escutar, discernir e aprender, decidir e agir. Estas são as palavras-chave do período de formação: "educação" aos direitos humanos e ao relacionamento com o mundo.

Na Argentina, mas também no voluntariado local, que continuamos a fazer em nossa cidade num centro de crianças refugiadas, foi fundamental compreender o sentido que o VIDES dá a estas palavras: tudo está interligado, desde o observar até o agir e o diálogo com o outro.

Uma experiência que continua, que não mudou a nossa vida, mas sim o nosso modo de vivê-la.

Emaús: um desconhecido se aproxima

Eleana Salas

Ambientação:
Uma Bíblia grande; sobre a Bíblia um crucifixo e perto o círio pascal. Dispor as cadeiras em círculo em torno da Bíblia. Poder-se-á desenhar um caminho no pavimento, com pedaços de papel.

Invocação ao Espírito Santo:

Vem, vem, Espírito de amor, vem tu dentro de nós.

A morte de Jesus na cruz (não apenas pelos terríveis sofrimentos que comportou, mas também por ser "morte civil", anulando até mesmo a memória da pessoa), foi causa de uma profunda crise para as primeiras comunidades cristãs.

Por outro lado, a sorte do Mestre podia também tocar os seus sequazes; por isso no orto "todos (os discípulos) o abandonaram e fugiram" (Mc 15, 50); outros abandonam Jerusalém e voltam/fogem para as suas aldeias. Provavelmente é o caso destes dois discípulos.

Alguns intuem que estes, *"dois deles",* eram na realidade um casal**:** Cleofa e Maria, sua esposa, que segundo Jo 19,25 estava perto do Crucificado e, provavelmente, também no grupo dos discípulos que vão ao túmulo, na madrugada de domingo.

Certamente a conversa entre eles parte de pontos de vista diferentes.

Os olhos e o coração estão ainda na escuridão. Nisto um desconhecido se aproxima e tenta inserir-se na conversa.

O texto é proclamado com clareza por um leitor ou leitora. Cada participante torna a ler o texto. Depois, poder-se-á fazer ressonância das frases mais significativas.

Lucas 24, 13-19

13 Dois deles naquele mesmo dia foram a uma aldeia de nome Emaús, distante de Jerusalém aproximadamente dez quilômetros; 14 e falavam entre eles de todas as coisas que haviam acontecido. 15 Enquanto discorriam e discutiam juntos, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles. 16 Mas os seus olhos estavam a tal ponto impedidos que não o reconheceram. 17 Ele lhes perguntou: « Sobre o que falais entre vós ao longo do caminho?» E eles ficaram tristes. 18 Um dos dois, que se chamava Cleofa, respondeu-lhe: «Somente tu, entre os forasteiros, estando em Jerusalém, não soubeste as coisas que lá aconteceram nestes dias?» 19 Ele lhes disse: «Quais?» Eles lhe responderam: «O fato de Jesus Nazareno, que era um profeta poderoso em obras e em palavras diante de Deus e de todo o povo.»

Leitura: O texto em si mesmo

Emaús. Várias localidades disputam entre si o lugar indicado por Lucas. Procurar as explicações das notas na própria Bíblia e possivelmente nos mapas da Palestina do primeiro século. Seja como for, está distante de Jerusalém.

Os discípulos. Descobrir o que se diz deles**:** o que fazem, com que atitudes interiores (o seu modo ver, o seu coração). O que os oprime.

Jesus. Seguir com atenção o que faz:

*"Jesus mesmo"**:*** o Ausente está agora presente, "em pessoa". *"Aproximou-se".* Parece ter apressado o passo para aproximar-se deles. Cf Fil 3,12 *"Começou a caminhar com eles".* Antes de falar acolhe a sua experiência. *"Perguntou-lhes":* Do que falais entre vós ao longo do caminho? O que guardais no coração? A pergunta permite abrir a própria interioridade para compartilhar o que se tem dentro.

Meditação: o texto para nós, hoje

Emaús**:** num tempo no qual a Igreja e o Papa Francisco nos convidam a "ir para as periferias", identificamos quais são os "Emaús", de onde vêm e para onde vão os jovens, o povo. Abriram-se os nossos olhos para encontrar os "Emaús" do nosso tempo? Que atitudes temos diante de quem é diferente (pessoas, idades, culturas, estilos, etc.)? Nós nos confrontamos com as atitudes de Jesus em relação aos seus dois discípulos? Como recebemos aqueles que nos interrogam e que colocam em questão os nossos esquemas mentais, os estilos pastorais, os modos de trabalhar, etc.?

Oração

Em silêncio, dialoguemos com o Senhor a partir deste texto**:**

Rezemos por Emaús: lembrar imagens de ambientes onde os nossos jovens com mais frequência se encontram, inclusive onde se encontram os que a sociedade considera "descartados"... Façamos o exercício de "abrir o coração e alargar o olhar", como nos pede o Papa Francisco.

"Jesus mesmo aproximou-se e começou a caminhar com eles". Rezemos a partir das nossas atitudes**:** de abertura e de confiança que habitam em nosso coração**;** agradeçamos pelas pontes que somos capazes de estender, peçamos a capacidade de sair como Jesus, e de aproximar-nos dos outros com muita fineza, com amabilidade, como Ele...

Deixo-me alcançar, tocar por Jesus e pelas minhas irmãs, pelos jovens, pela vida das pessoas? Que a oração me disponha a encontros significativos e autênticos, fecundos segundo o DMA... Compartilhemos algumas ressonâncias da nossa oração.

Contemplação – Empenho

Não basta estudar e pregar a Palavra de Deus; é importante que ela vá germinando em nossa vida. Que atitudes devo alimentar no coração para aproximar-me das atitudes de Jesus neste passo?

Como podemos exprimir melhor em comunidade este "sair ao encontro" dos Emaús do nosso tempo?

Oração final: ***Pelo caminho de Emaús, um peregrino vinha comigo; não o reconheci no caminho, agora sim, na fração do pão.***

esalas@iglesiacatolica.org.pe

Ser pai/mãe: identidade e missão

Piera Cavaglià

Dom Bosco, que experimentou o drama de crescer sem pai desde a infância, soube canalizar todas as suas energias ao exprimir um profundo afeto paterno aos seus jovens e aos confrades salesianos. Ele, reconhecendo que a paternidade autêntica é somente em Deus e por Deus, é apaixonado pelo seu Reino de amor e de misericórdia. Deseja por isso ser transparência deste amor também com os seus recursos humanos. A sua paternidade é uma paternidade na fé, como a de S. Paulo quando escreve aos Gálatas: «Meus filhinhos, pelos quais sofro novamente as dores do parto, até que Cristo seja formado em vocês» (*Gal* 4, 19).

A mais profunda identidade de Dom Bosco se revela no seu ser Pai, amigo, irmão. Para ele a animação e o governo não são um papel qualquer, mas uma *geração espiritual.*

Ser e agir como Dom Bosco

Os primeiros Salesianos aprendem de Dom Bosco quase por osmose a ser diretores, a animar e governar as comunidades que aos poucos são abertas.

O seu testemunho é para eles itinerário cotidiano de formação.

A sua mesma pessoa toda doada ao bem dos jovens, o estilo com que guia a comunidade, a forte carga comunicativa, a sabedoria permeada de caridade e de espírito de família, a paixão pelo Reino de Deus tornam-se escola para os seus filhos, para os educadores e os diretores das primeiras casas salesianas.

Forma-os à responsabilidade para dar um sólido fundamento à Congregação, hoje diríamos forma-os para encarnar em si e para inculturar o carisma nos vários ambientes.

Cada diretor é, naquele tempo como também em cada período sucessivo, protagonista (não espectador!) do processo de fundação de sua obra, e assim Dom Bosco recomenda aos diretores que, no dia 6 de abril de 1869, reúne à noite na biblioteca do Oratório**:** *«Façamo-nos verdadeiros e dignos fundadores da Sociedade de São Francisco de Sales, a fim de que aqueles que vão ler a nossa história possam encontrar em nós muitos modelos e que, ao invés, não tenham de exclamar: "Que raça de fundadores eles eram!" Ajudem-me, com boa vontade e obediência, nesta grande empresa. Toca a vocês tornar fácil a minha tarefa»* (MB IX 600).

É verdade que o carisma do Fundador foi dado pelo Espírito Santo a Dom Bosco, mas em certo sentido, compete a cada membro da Congregação salesiana, sobretudo a quem tem deveres de animação, o empenho de cuidar, renovar, desenvolver, dar visibilidade em nível local ao carisma salesiano. O carisma resplandece, sobretudo em quem abre o coração ao Espírito e se torna transparência do seu amor, manifestando a todos a genuinidade deste amor que faz crescer, transmite confiança, promove a vida.

Dom Paulo Álbera escreve: *« É preciso dizer que Dom Bosco nos preferia de modo único, todo seu**:** provava-se o seu fascínio irresistível. Eu sentia ser amado de modo nunca experimentado antes, singularmente, superior a qualquer afeto. Envolvia-nos plenamente em uma atmosfera de contentamento e de felicidade. E não podia ser de outra forma, pois de cada palavra e de cada gesto seu emanava a santidade da união com Deus que é caridade perfeita»* ACS 1 (1920).

Dom Bosco identifica a atitude de quem tem responsabilidades básicas de gestão na *«caridade e bondade».*

Devem ser estas as marcas características de cada diretor tanto para os confrades, os jovens, os colaboradores, quanto para cada pessoa com que se encontra.

Linhas formativas para os diretores salesianos

Dom Bosco forma os diretores valorizando várias modalidades: os encontros pessoais, sobretudo o colóquio, as cartas e os encontros comunitários anuais em Valdocco, em geral por ocasião da festa de São Francisco de Sales.

Nestas "Conferências" o mestre é Dom Bosco, mas ele favorece a subsidiariedade e a complementaridade: deixa às vezes a presidência a Dom Rua e convida cada diretor a fazer a apresentação dos respectivos colégios e comunidades, evidenciando dificuldades, esperanças e perspectivas de futuro. Especialista no envolvimento das energias juvenis e em despertar confiança em cada pessoa, a Dom João Bonetti traça um programa de ação muito concreto: *«Lembra-te de que o Diretor não deve fazer muito, mas empenhar-se para que os outros façam, cuidando que cada um cumpra os próprios deveres» (carta de 19 de abril de 1871,* no *Epistolário* por *F. Motto III 324).*

Hoje se diria subsidiariedade, ou coordenação para a comunhão.

Mudam os termos, mas o espírito é o mesmo: condição para um clima de família onde cada um se sente amado e valorizado.

Dom Bosco escreve ao jovem diretor Dom Miguel Rua a síntese do seu programa de vida: *« In omnibus caritas.* Faz com que todos aqueles com os quais falas se tornem teus amigos » (Carta de 10 de agosto de 1873, em *Epistolário* por F. Motto IV 142).

Revista e ampliada em 1870-71, a carta se tornará um documento formativo com o título: *Lembranças confidenciais aos diretores* que, ainda hoje, constitui uma das principais fontes da espiritualidade de Dom Bosco, fundador e formador de educadores.[1]

Escreve Francisco Motto no comentário a esta carta: « O seu coração paterno e – por que não? – a sua solicitude materna chega ao ponto de preocupar-se com a saúde física do diretor e dos seus confrades, com suas horas de sono (*" Dormirás sete por noite", "Nunca ordenes coisas danosas à saúde, ou que impeçam o necessário repouso"*), com o seu cuidado à mesa (*"Evita as austeridades no comer. As tuas mortificações sejam na diligência dos teus deveres e no suportar os incômodos dos outros"*), com o risco do trabalho excessivo (*Procura repartir as coisas de modo que ninguém fique sobrecarregado de trabalhos"*) »[2].

Diversamente do animador sócio-cultural, o diretor salesiano querido por Dom Bosco é a pessoa toda consagrada a Deus que tem a consciência de ser dócil instrumento do seu amor para ajudar todos e cada um a viver o projeto que o Pai tem sobre cada um de seus filhos.

A sua identidade vocacional, assumida e expressa com total senso de responsabilidade e com coração paterno/materno, é a condição básica para desenvolver retamente a sua missão de serviço à alegria e à esperança de cada pessoa e das comunidades.

pcavaglia@cgfma.org

1 Cf MOTTO Francesco, I *As "Lembranças confidenciais aos diretores" de Dom Bosco,* em *Dom Bosco educador. Escritos e testemunhos,* por P. Braido, Roma, LAS 1992, 173-186.

2 *Ivi* 174-175

Um olhar sobre o mundo

A coragem de partir

Anna Rita Cristaino

O México é uma das realidades nacionais mais importantes do mundo, rico de história e de belezas naturais. Não obstante o progresso econômico destes últimos anos, o País vive fortes problemas de instabilidade e desigualdade social. Além das grandes cidades, há lugares do território nacional onde é mais

difícil encontrar trabalho, onde se luta diariamente pela sobrevivência e isto leva muitas pessoas a deixarem o lugar de origem. De fato, além da forte migração para os Estados Unidos há uma consistente mobilidade interna. Milhares de adolescentes deixam os seus vilarejos e vão para as grandes cidades superpovoá-las. Mas o que impele uma jovem a deixar a sua família, a sua aldeia, os seus costumes, as suas amizades?

Caminhos desconhecidos

Rosália e Modesta contaram-nos o que quer dizer ter a coragem de partir sozinha e deixar tudo, impelidas pelo desejo profundo de descobrir novas possibilidades para a sua existência. Partiram muito jovens, para uma vida na qual gastar as próprias energias, escolhendo caminhos não conhecidos.

Rosália relata assim a sua partida: « Cheguei aqui quando tinha 17 anos de idade. Não foi fácil. Fui morar na casa de um dos meus irmãos. Não sabia tomar o metrô, apenas sabia ler um pouco. Vir para cá sozinha e começar a estudar deu-me mais segurança, abriu-me a outras ideias e cresci**;** sim, mesmo temerosa, sempre fui avante. Vim de uma aldeia que se chama São Bernardino Laguna. Somos oito irmãos e lá crescemos juntos. Não tínhamos muitos recursos. Meu pai trabalhava a terra, minha mãe dedicava-se aos trabalhos domésticos. Os meus irmãos ajudavam meu pai, mas agora todos estão aqui na cidade ».

A bagagem trazida é cheia de afetos, de relações familiares, de amigos, de lugares frequentados e amados, uma bagagem cheia de mapas bem conhecidos. Mas naquela bagagem, é deixado um espaço grande aos sonhos.

O sonho de poder trabalhar para se manter e não pesar sobre a família, de aprender bem o espanhol, sem esquecer a língua local dos pais, de aprender a ler e escrever e progredir nos estudos, de ser consciente das próprias capacidades e potencialidades ainda inexploradas.

Modesta faz o seu relato**:** « Para nós, gente que vem do interior, há muitas dificuldades porque a Cidade do México é enorme e, muitas pessoas como eu, chegam sem saber nem ler nem escrever e sem saber onde ficar. Muitos não têm parentes na cidade, com os quais morar.

Esta é uma das razões pelas quais a maioria dos jovens, das mulheres e dos homens que chegam a esta cidade procuram um trabalho que dê também hospitalidade, porque não temos para onde ir ».

A Cidade do México é muito grande. É um micro mundo de culturas, de usos e costumes, de gente rica e pobre, de famílias felizes e de homens solitários. Um pequeno universo que deixa sem fôlego quem chega de lugares nos quais tudo era próximo e conhecido. O modo de falar, de se movimentar, de olhar para a vida, o modo de se vestir, de comer, tudo é diferente.

Quem chega sente-se como catapultado ao centro de um oceano e não resta senão aprender a nadar para não se afogar.

Um percurso em saída

Chega-se com a lembrança das lágrimas das mães, dos rostos austeros dos pais que gostariam de ter feito mais para não forçar nenhum dos próprios filhos a partir. Sente-se ainda o calor dos abraços fraternos. De repente, percebe-se que o caminho a ser feito é difícil. É preciso encontrar trabalho, procurar alojamento, fazer novos amigos, desfrutar de cada ocasião para aprender algo mais a partir de cada conhecimento.

« Fazia tempo – diz-nos ainda Modesta – que eu sentia a necessidade de partir para crescer. Eu sou de uma família que não tem muitas possibilidades econômicas, uma família numerosa. Tenho seis irmãos. Foi uma das coisas que me impeliram a vir para cá. Cheguei a esta cidade para trabalhar como doméstica numa casa de família, fazendo os trabalhos de casa. Posteriormente amadureci a intenção de continuar a estudar, mas não sabia como fazer. O meu único dia de descanso era o domingo. Logo descobri que havia uma escola que dava aulas aos domingos, e me coloquei em contado com ela ».

Melhores oportunidades

As FMA da inspetoria mexicana *Nossa Senhora de Guadalupe,* em 1970, criaram o Centro Juvenil *Maria Auxiliadora* que, em 2001, tomou o nome de *Obra Social Auxílio.* Aqui, todo domingo, são recebidas

milhares de moças impossibilitadas de frequentar a escola durante a semana. Com o passar dos anos, além das jovens, foram recebidos também os moços e os adultos, todos migrantes, empregados como operários em casas particulares ou em oficinas. Ir. Neida Julieta Carriedo, uma das FMA que trabalhou na OSA explica-nos**:** « Os jovens que são recebidos neste Centro são muito carentes, por isso procuramos propor as melhores soluções possíveis quanto à profissão, à formação intelectual, espiritual e moral. Chegam de diversos lugares da Nação, em busca de melhores oportunidades de vida. Vêm para cá para empregar-se como trabalhadores domésticos, por isso apreciamos o fato de dedicarem o seu único dia de descanso para melhorar-se profissionalmente».

Promoção humana integral

A Obra Social Auxílio, (OSA), acolheu durante o ano cerca de seiscentos e cinquenta beneficiários; chegando a 1.000 inscritos. A sua oferta formativa compreende**:** formação acadêmica, aprendizado para o trabalho, desenvolvimento humano, atenção psicopedagógica, educação sexual, valorização da cultura de procedência, visão crítica da comunicação. É um espaço significativo de promoção humana integral, um ponto importante de encontro e acolhida. « Este – diz-nos ainda Rosália – é também um ambiente religioso. Sou católica e estar aqui enriqueceu-me muitíssimo e me fez crescer. E agora que já estou terminando o Ensino Secundário continuarei frequentando as aulas do Cursinho o que está me ajudando muitíssimo. Este colégio é a minha casa ».

Também Modesta estudou na OSA: «Quando cheguei, a escola se chamava "Centro Juvenil Maria Auxiliadora". Na época ofereciam cursos de preparação para o trabalho, Escola Primária e Secundária e, como eu ainda não havia terminado o curso Primário, comecei a estudar para me tornar secretária, em um curso que durava três anos. Depois, foi-me oferecido para permanecer como voluntária ».

A vontade de empenhar-se

Ir. Neida nos explica**:** « Na Obra Social Auxílio, colaboram cerca de oitenta voluntários que aos domingos vêm prestar a sua ajuda gratuitamente**:** dando aulas, oferecendo apoio a todos os jovens e adultos que semanalmente são assistidos no Centro. Muitos alunos enxergam nos voluntários, modelos a serem seguidos e isto tem um grande significado para eles; de fato, muitos deles, demonstram o desejo de seguir sendo voluntários ».

Rosália e Modesta, constroem o seu futuro no dia a dia. O que impressiona nestas meninas é a vontade de empenhar-se, de se sacrificar. Trabalham duro e trabalham bem. Modesta trabalha no Centro Preventivo de Readaptação Social há cinco anos, como secretária da diretora do Centro e contemporaneamente frequenta a Universidade.

Rosália, ao invés, tem o seu dia típico: « Começo a trabalhar às seis da manhã. Levanto-me em torno das cinco e meia e às seis horas começo a fazer o que é necessário para limpar e manter em ordem a casa, o que me ocupa praticamente o dia todo.

Termino às dez ou dez e meia para o jantar. Subo e desço, o dia inteiro, porém, gosto do meu trabalho porque me ajuda economicamente e com aquilo que ganho posso ajudar um pouco a minha família a construir sua casa».

Permanecendo no México, visitamos uma das cidades maiores do mundo, numa nação rica de possibilidades de desenvolvimento e de contradições, onde se toca com a mão o fio que mantém ligadas as pessoas de procedências muito diferentes.

Encontramos Irmãs laboriosas, fraternas, simpáticas; e conhecemos jovens mulheres e rapazes que não têm medo de tomar nas mãos a própria vida.

Tivemos a prova de que quando nos empenhamos de verdade, a Providência age em nosso favor, ajudando-nos a concretizar ideias e projetos.

Qualquer coisa que cada um de nós aspire, precisa começar a realizá-la! Ousar traz consigo gênio, força e audácia!

arcristaino@cgfma.org

dma comunicare

comunicar

Informazioni
notizie e novità
dal mondo
dei media

Informações, notícias e novidades do mundo da mídia

Comunicação e comunhão com Deus

Patrizia Bertagnini

A proximidade com Deus, na lógica dos raios do círculo que, ao passo que se aproximam do centro, reduzem as distâncias entre si, permite superar a fragmentação. No diálogo contínuo com o Senhor reforça-se a própria identidade vocacional e aprende-se a se colocar à escuta dos irmãos.

O mundo em que vivemos tem um denominador comum que geralmente é indicado com o termo fragmentação; com ele quer-se indicar o progressivo desaparecimento das comunidades de pertença, que antes eram verdadeiros pontos de referência.

O partido, a igreja, a aldeia, o conjunto de pessoas com que se compartilha a vida cotidiana, são realidades comunitárias que, diante da urbanização, da difusão dos meios de comunicação de massa, da homologação e do isolamento da vida metropolitana, parecem destinadas a desaparecer.

Neste contexto a pessoa encontra-se reduzida à condição de simples indivíduo, de fragmento que fadiga para encontrar uma colocação social; de fato, à perda da comunidade física corresponde a crise da comunicação e da solidariedade.

Do ponto de vista social o homem é constrangido a abandonar a modernidade "sólida" com os seus códigos, normas, valores e vínculos, e emigrar para uma sociedade "líquida" (Bauman), na qual tudo é incerto, flutuante, desligado de qualquer referência; em uma vida líquida não servem nem heróis nem mártires, porque não há nenhuma trincheira a ser defendida e nenhum valor pelo qual dar a vida; eles são julgados vítimas de alguma «disfunção psicológica».

No seu lugar entram na ribalta as "celebridades", as estrelas, os novos heróis da canção, do esporte, do cinema, das finanças. Celebridades que se consumam rapidamente para dar lugar a outras celebridades, a outras estrelas, que funcionam como adesivos sociais para as massas.

Cada peça no seu lugar

É possível enfrentar o desafio do mundo contemporâneo e escapar da lógica apenas descrita?

A relação de Deus com os homens está, desde o princípio, à luz da comunicação sendo que a *Dei Verbum* começa de modo paradigmático: *"Deus se revela, manifesta a sua vontade, fala através de Cristo, entretém-se com os homens, convida e admite à comunhão consigo"* (cf. DV, 2).

A Revelação tem como escopo tornar o homem participante da vida de Deus, fazer entrar cada pessoa na relação de amor expressa pela Trindade divina e, por isso mesmo, necessita da livre adesão do homem à iniciativa de Deus. Mas é perante o Jesus histórico narrado pelos Evangelhos que se realiza o milagre da comunicação perfeita entre Deus e o homem; a Encarnação é o espaço no qual Deus se faz presente ao homem chamando-o a uma relação profunda consigo, relação na qual aparecem em toda a sua evidência as atenções de Deus para fazer do relacionamento com a pessoa humana um círculo virtuoso que comporta, como meta final, a livre resposta do homem ao Senhor. O acontecimento histórico do Filho de Deus, se de um lado exalta uma Vontade superior de comunicação, do outro lado se propõe como o terreno mais fértil para que esta comunicação aconteça na sua plenitude.

Laboratórios de comunicação

Cada comunidade religiosa é, por sua natureza, testemunha das palavras e dos gestos com que Jesus envolve a humanidade no seu projeto de salvação; por isso ela "existe para comunicar aos homens de cada tempo esta boa notícia. Se não se empenhar com

afinco na comunicação daquilo que o Senhor lhe confiou falhará na sua missão" (Card. Ruini).

Aproximar-se do Senhor e deixar-se tomar pelo diálogo profundo com Ele permite tornar mais sólida a própria identidade vocacional, identidade que somos chamadas a custodiar e que se enraíza na fidelidade à própria história vocacional, na consciência da própria unicidade de valor e na necessidade de relações autênticas que alarguem as perspectivas. Uma identidade autenticamente centrada no seguimento transforma-se em dom de si, porque doando-se aos outros descobre-se o sentido das próprias escolhas e da própria consagração.

O desafio da fragmentação impõe à comunidade religiosa um cuidado particular da comunicação, tanto internamente, pois ela é koinonia, comunhão, íntimo liame, relação fraterna de solidariedade, de corresponsabilidade, de participação**,** quanto externamente, porque ela se apresenta ao mundo como realidade comprometida com o anúncio explícito da salvação, como realidade a serviço do homem, como sacramento da união do homem com Deus.

suorpa@gmail.com

Em 25 de março de 1996, João Paulo II assinava a Exortação Apostólica Vida Consagrada, documento clarificador sobre a doutrina e a teologia da VC. No n. 36 lê-se: «Cada carisma tem [...], na sua origem, uma tríplice orientação: para o Pai, em primeiro lugar, com o desejo filial de fazer a sua vontade através de um processo contínuo de conversão, no qual a obediência é a fonte da verdadeira liberdade, a castidade exprime a tensão de um coração insatisfeito com cada amor finito, a pobreza alimenta aquela fome e sede de justiça que Deus prometeu saciar *(cf* Mt *5,6).* [...] *para o Filho,* com quem levam a cultivar uma comunhão de vida íntima e alegre, no aprendizado do seu serviço generoso a Deus e aos irmãos. [...] para o Espírito Santo, porquanto dispõe a pessoa a deixar-se guiar e sustentar por Ele, tanto no próprio caminho espiritual quanto na vida de comunhão e na ação apostólica, a fim de viver naquela atitude de serviço que deve inspirar cada escolha do cristão autêntico».

CULPA DAS ESTRELAS

de Josh Boone
Estados Unidos, 2014

Mariolina Parentaler

O sucesso deste filme campeão de bilheteria em todo o mundo. "Um amor mais forte que a morte", responde a Família Cristã com o seu artigo. O fenômeno teve início em Love Story, a obra que em 1970 fez chorar uma geração inteira. A história de amor entre Oliver e Jennifer que decidem casar-se para que a doença não cancelasse toda possibilidade de futuro, é o arquétipo de um gênero pelo qual na América foi inventada até mesmo uma definição: câncer filme. Um gênero capaz de fascinar um público sempre mais jovem que se pensaria preferir temas mais leves. Mas evidentemente o binômio "amor e morte", ou melhor, "amor e doença", tem um seu fascínio.
Culpa das estrelas, de Josh Boone trouxe para o cinema uma multidão-recorde de adolescentes e jovens. Nada apavorados pelo argumento (que talvez provoque mais medo nos adultos) saem comovidos e satisfeitos das salas depois de haver assistido à história de amor de Hazel e Gus, seus excelentes protagonistas. E se a frase símbolo de Love Story era "*Amar significa não dever dizer nunca 'lamento ",* a deste filme sugere algo mais profundo: *"Tu me deste um para sempre nos meus dias contados".* Merece ser conhecido e se presta a ser bem utilizado.

Queria fazer um filme que "elevasse as almas"

A expressão é do produtor Hollywoodiano Wyck Godfrey que diz assim: "Um filme capaz de comunicar a ideia de que uma vida breve pode ser igualmente bela e rica". São estas as expressões que convenceram John Green, de 37 anos, autor do homônimo best seller de mais de 9 milhões de cópias, a conceder os direitos do seu romance ao cinema. O que inspirou o escritor estadunidense foi a sua amizade com uma jovem de nome Esther Earl, a quem dedicou o romance. Esther não encarna nenhum personagem específico do livro, mesmo assim Green declarou: " A nossa amizade e a sua alegria de viver constitui uma grande fonte de inspiração. Por isso queria que não só o texto mas também o filme pudesse resultar honesto, alegre, uma celebração da vida".

Afetada por um câncer na tireoide, com metástase, Esther morreu em 2010, com a idade de 16 anos.

A corajosa protagonista de Culpa das estrelas é Hazel Grace, de dezesseis anos que escapou à morte, obrigada a respirar com uma cânula e movimentar-se levando sempre consigo um respirador. Mesmo se dotada de resposta vivaz e pronta, a mãe a considera depressiva e a estimula a frequentar um grupo de apoio para doentes terminais. É aqui que encontrará Augustus Waters, ex-jogador de basquete: um jovem de dezoito anos simpático e irônico, com um belo sorriso sedutor e magnético a quem havia sido amputada uma perna, amigo de Isaac, que deverá ficar cego por causa de um tumor nos olhos.

Desde o primeiro encontro, Hazel e Gus se tornaram inseparáveis. Gus se enamora dela que inicialmente o manterá distante por medo de fazê-lo sofrer depois de sua morte. Mas depois, juntos, saberão dar vida a uma história apaixonada, terna, divertida e comovente, que quer ser efetivamente "uma celebração da vida".

Dotados daquela beleza simples e privada de artifícios que torna ainda mais angustiante a situação na qual se debatem, o que os une ainda mais além da doença é o seu modo de ver e enfrentar a existência. Conscientes e lúcidos não se deixarão abater: entre esperanças, medos, ansiedades e outro tanto de otimismo, compreenderão como a força de um amor pode vencer e sobreviver também à morte.

Culpa das estrelas caminha com grande cautela sobre o fio que separa o melodrama da comédia romântica.

Como a própria crítica reconhece: "tem a capacidade de alternar de modo inteligente seriedade e humor, *pathos* e leveza". Amor e morte sempre foram uma combinação vencedora na literatura e no cinema, de Romeu e Julieta a Love Story: a adolescência é o período no qual há menos compromissos e tudo se vive ao máximo. Eis porque esta obra fascinou tanto os jovens. Júlio de Roma, 14 anos, exprime-se assim no seu comentário no facebook: « Não é o meu gênero e antes de ver o filme pensei que fosse uma história tola. Fui vê-lo porque os meus companheiros de classe iam, mas na sala esforcei-me para não chorar. Mas chorei e apreciei a coragem e a simplicidade de Hazel e Gus. Compreendi que não eram dois "azarados' mas dois heróis». O juízo pastoral da comissão CEI sugeriu para utilizá-lo "valorizando contextos nos quais se podem aprofundar os numerosos temas enfrentados: a doença, a vida, a morte, o amor, a geração pais-filhos e, por último, a relação entre os pais, as doenças dos filhos e o que isso significa".

m.parentaler@fmaitalia.it

A ideia do filme

Colocar em cena o romance de Green com extremo respeito, sem alterar fatos ou personagens em função da passagem para tela grande.

Culpa das estrelas permanece aderente à palavra escrita «porque tem a capacidade e a intenção de explorar/comunicar o lado belo, excitante e trágico da vida e do amor».
Evita assim o cinismo que pode se insinuar na tentação de fazer de uma tragédia um veículo comercial.
O que faz a diferença, no best seller de Green como no filme aderente ao romance, é o "como relatar uma história triste", ou seja, por meio das vozes de Hazel e Gus.
O seu tom desencantado, mas jamais resignado até o fundo e a sua interpretação convencem e comovem.
Ansel Elgort torna-se o Augustus mais acertado: sabe centrar com perfeição o personagem, em particular aquele sorriso do qual se fala ao longo de todo o romance. E Shailene Woodley consegue imergir-se em Hazel com uma doçura que desarma, uma sensibilidade inteligente que imediatamente se intui. Como no romance, a película «desposa a sua visão do mundo», faz os espectadores se enamorarem tornando-os não objeto de compaixão, mas de empatia, e tratando a sua história de modo não diferente de qualquer outro "primeiro amor": rico daquele respiro de absoluto e daquela ideia de "para sempre" que os distingue.

O sonho do filme

Ajudar a "viver", mesmo na doença. Com intensidade e alegria, como a juventude e o amor sonham, escolhem.

Hazel e Gus são jovens extraordinários, o seu relacionamento é quase um milagre. Vivem, por conseguinte, uma história que se presta não apenas para ser vista, mas enfrentada e discutida por dois tipos de público: o dos adultos que se encontram diante de ocasiões para uma reflexão educativa, mesmo se em um contexto extremo como o do câncer. E os adolescentes, que se podem identificar com dois coetâneos constrangidos a enfrentar momentos graves e incomuns na sua idade. Mesmo se com alguma queda de sentimentalismo, a obra não deixa de mostrar momentos autênticos, e propõe questões que frequentemente se tenderia a remover.
Anna de Turim, 15 anos, assim disse por meio do Facebook: « É uma história de amor absoluto, porque Hazel e Gus, mesmo sabendo que poderiam morrer, não conseguem deixar de amar-se. Experimentei angústia pela doença e pela injustiça da morte que separa dois enamorados tão jovens! Mas, também tristeza porque ambos têm famílias bonitas que, não obstante a situação, infundem confiança e tornam suas vidas serenas. No final, talvez, são os pais os que devem enfrentar a prova mais terrível, sem a consolação do grande amor que dá força aos seus filhos.»

O livro

M. L. Stedman

A luz sobre os oceanos

Adriana Nepi

A autora, M. L. Stedman, residente em Londres, mas nascida e crescida na Austrália Ocidental, ganhou com este primeiro romance uma fama internacional. Na edição Garzanti, o livro é atraente desde a veste tipográfica: a capa apresenta uma sugestiva panorâmica da vastidão sem limites dos dois oceanos ao sul do continente australiano e em primeiro plano a figura de uma menina com olhar interrogativo, a qual será de certo modo o eixo narrativo do relato.

Em uma apequena ilha austral, Janus Rock, vivem Tom e Isabel. Ele é um valoroso antigo combatente da primeira guerra mundial; tendo partido como voluntário, como não poucos convictos de combater por uma justa causa, retornou são e salvo, mas interiormente ferido por tudo quanto presenciou e sofreu. É um homem profundamente bom, corajoso, capaz de aceitar humildemente as inevitáveis dificuldades da vida. Desde a terra natal Sydney, a necessidade de encontrar um emprego o conduziu a Partageuse, pequeno porto da Austrália ocidental, não longe da ilha de Janus Rock: será provisoriamente guardião do farol que toma o nome da ilha. Estava disposto a partir quando encontra Isabel: uma jovem de dezenove anos espontânea e vivaz. É ela que provoca a atenção de Tom, com cândida e alegre simplicidade. Nasce o amor e os dois se casam; ela não tem medo de enfrentar a vida incômoda e monótona de habitar em um farol. Transcorrem dias felizes.

E eis que irrompe o imprevisto e dramático episódio que agitará a suas vidas. Certo dia, na pequena praia de Janus Rock as ondas empurram uma barca à deriva: nela está, deitado de bruços, o corpo de um homem sem vida e escuta-se o vagido de uma criaturinha.

Isabel, corre para socorrer e afagar a recém-nascida, vê nela um dom do céu, depois dos repetidos abortos espontâneos que dolorosamente haviam frustrado a sua apaixonada necessidade de maternidade. Tom está vinculado às regras que lhe impõem de registrar tudo aquilo que acontece na ilha. E desta vez trata-se de assunto não indiferente: um desconhecido sem vida, uma criatura indefesa ancorada não se sabe como, empurrados pelo vento do oceano. Isabel, que já sente a menina como sua, esconjura o marido por não registrar o fato: uma roupa feminina, ensopada, encontrada na barca, parece comprovar que também a mãe tenha se afogado.

Interrogações angustiantes

A esta altura, o acontecimento deslizará sobre o fio de interrogações angustiantes: é sempre necessário aquilo que parece justo? Pode-se impunemente interferir, mesmo que seja por amor, no destino do outro? Entre a verdade, a justiça e o medo de fazer sofrer uma criatura amada e indefesa, que escolha se impõe?

No começo, os dias transcorrem serenos como os de uma família feliz: Tom, Isabel e Lucy (assim chamam a pequenina) que todos acreditam ser sua filhinha...

Quem a acolheu depois do naufrágio, quem cuidou dela e a circundou de ternura senão eles dois, que a receberam como dom de uma providência misericordiosa? Assim pensa apaixonadamente Isabel.

Tom também ama a pequena como um bom pai pode amar, mas a voz do coração não conseguirá jamais sobrepor-se, nele, à vigilante retidão de consciência.

Dir-se-ia que a menina tinha vindo para curar muitas feridas. Dois irmãos de Isabel morreram na guerra e nada foi válido para confortar os pais, sobretudo a mãe que não cessa de reordenar obsessivamente o quarto dos filhos, como se eles ainda vivessem. Ela, a irmã de catorze anos tinha podido assistir de perto à tragédia irremediável e descobrir o que significa verdadeiramente o amor de uma mãe e a sua dor ao perder um filho. Parece-lhe agora um milagre a expressão extasiada dos seus pais que vieram de longe para saudar a chegada de uma netinha, e a confirma na ideia de que o fato de haver adotado a menina como sua, foi a escolha certa.

Uma lógica providencial

Mas eis a desconcertante descoberta**:** a mãe da pequena salva do naufrágio está viva**:** chama-se Hanna, e é a mulher de Frank, o pobrezinho encontrado morto na barca... De nacionalidade austríaca, sendo perseguido, com a filhinha nos braços, por um grupo de embriagados enfurecidos contra a odiada raça alemã, havia pulado na barca e depois arrastado pela forte corrente austral.

Foi inevitável a discordância de Tom, de sua mulher: consciente, ele, de dever tomar uma decisão que não se pode pôr em discussão, ela obstinada, para não perturbar a vida de Lucy, a sua menina. “Que seja um bem ou um mal, fizemos o que devíamos ter feito”. É o dilema que parece percorrer o atormentado acontecimento: o que é o bem, o que é o mal, o justo e o injusto?

Dir-se-ia que os fatos evoluem segundo uma lógica providencial que restabelece um equilíbrio saudável. Tom não poderá evitar por algum tempo o cárcere, assumindo generosamente toda a responsabilidade de erros e se preocupará de não fazer pesar sobre a fragilidade da mulher amada.

As escolhas justas parecerão violentas, mas tudo, no final, voltará ao que deve ser. Hanna reverá a sua menina, a pequena relutará por um tempo longo mas acabará sendo a filha adorada e serena de uma outra mãe, a verdadeira, sem que diminua o profundo liame com quem a acolheu e a fez crescer com tanta paixão. O amor de Tom e Isabel, purificado pelo sofrimento, durará, pacificado e abençoado, assim como deve ser um bom matrimônio: “na saúde e na doença, nas alegrias e nos sofrimentos”.

Pais e filhos: entre o amor e o conflito

Mariano Diotto

A música sempre tem relatado eventos familiares com seus momentos belos e inesquecíveis, mas também os mais tristes, eventos de conflito e de rancor ou de "coisas não ditas".

Filhos e pais

A relação com uma mãe afetuosa é relatada por Gatto Panceri na sua canção intitulada *Minha Mãe.*

Ela se achou sozinha para educar um filho, pois o seu marido a abandonara antes que ele nascesse.

Daí brota esta canção que é inspirada em um Madrigal do Oitocentos: *«Sei quanto vale a minha vida / sei quanto custou a ti / a tratarei bem porque / é tudo o que pedes a mim». «Ó papai senta-te e escuta a minha canção / e se a escutas canta-a tu também por favor/ não, não há nada que queira dizer que não tenha já dito antes mas, para usar palavras tuas, "não podes mais ser muito seguro"./ Vê, não obstante eu não o demonstre sempre estou feliz porque tu estás aqui».*

São estas as palavras que usa Alain Clark na canção *Father & Friend* para relatar a sua relação com o pai que é visto como um amigo, pois fica ao lado do filho mesmo depois de adulto.

Ao invés, Bono dos U2 em 2004 escreve a canção *Sometimes you can´t make it on your own* que é a sua lembrança pessoal do pai desaparecido três anos antes. *«Brigamos o tempo todo tu e eu / tudo bem / Somos a mesma alma / Não tenho necessidade de ouvir-te dizer / Pois se não fôssemos assim semelhantes / Te agradaria muito mais / Escuta-me agora / Preciso fazer-te saber / Que não deves fazer tudo sozinho».*

O dor de ser pais

A vida reserva sempre grandes surpresas e John Lennon, no final de uma longa tournée com os Beatles percebe que foi um pai ausente para o seu primeiro filho Julian e quer recuperar a relação não fazendo os mesmo erros com o filho menor Sean.

Assim retira-se das cenas para ficar com a família e escreve a obra-prima *Beautiful Boy (Darling Boy).* Nesta canção, Lennon descreve o seu amor pelo filho, e os pequenos e grandes ensinamentos que um pai deve dar, com as recomendações mais simples: *«Antes de atravessar a rua, me dê a mão»,* até sentenciar frases mais empenhativas como: *«A vida é aquilo que te acontece enquanto estás empenhado em fazer outros projetos».*

Mas ser pais quer dizer também perder filhos por uma morte trágica e injustificada. É o que nos conta Eric Clapton na sua famosa canção, vencedora de três Grammy Awards: *Tears in Heaven.*

Nesta balada constituída por vozes e guitarras o musicista nos relata a perda do filho Connor que caíu do 53º andar de um prédio, em Nova York.

É o canto desesperado de um pai que espera reencontrar o filho no Paraíso onde finalmente as dificuldades desaparecerão.

«O tempo pode botar-te fora; o tempo pode te colocar de joelhos/ O tempo pode esmagar-te o coração, fazer-te implorar piedade, implorar piedade / Para além da porta há paz estou seguro / E eu sei não haverá mais lágrimas no Paraíso». Clapton não toca mais esta canção há muitos anos, desde quando disse que havia finalmente superado a dor pela perda do filho e isto demonstra que uma canção às vezes não é "uma simples canção", mas fala da própria vida, das próprias emoções, da própria intimidade.

Fazer parte do mundo

Nas canções, são narradas também as formas particulares de paternidade: sentir-se parte de um mundo que tem necessidade de indivíduos que saibam guiar outras pessoas. É o caso da cantora italiana Fiorella Mannoia que, na canção ***Luce,*** fala exatamente desta forma de amor: *« Não existe filho que não seja meu filho nem ferida da qual não sinta dor. Não existe terra que não seja a minha terra e não existe vida que não mereça amor. Não existe voz que não seja a minha voz nem injustiça da qual não carregue a ofensa. Não existe paz que não seja a minha paz e não existe guerra que não tenha uma desculpa ».*

Esta forma de amor supera os graus de parentesco e nos torna filhos da mesma terra e do mesmo Deus.

Assim as canções às vezes se tornam uma mensagem dos pais aos filhos e vice-versa.

Porque algumas vezes é mais fácil cantar alguns sentimentos que chegar a dizer-lhes: *«E filha, filha, / Não quero que tu sejas feliz, / Mas sempre "contra" / A fim de que te deixem falar».* (Roberto Vecchioni nella canzone "Figlia")

m.diotto@iusve.it

Camilla

Recreação

Caras amigas, admitindo-se ou não, há coisas típicas da nossa vida, verdadeiras entregas dos nossos fundadores que nós estamos traindo! A situação está se agravando com o passar do tempo e eu sinto o dever moral de apontar os riscos aos quais, a meu modesto ver, estamos nos expondo.

Quando lançamos um olhar sobre as nossas comunidades percebemos logo que muitas são as Irmãs atingidas pelo vírus da otimização. É muito fácil colher os sintomas desta doença**:** corre-se sempre, para-se apenas em determinados ambientes, passa-se rapidamente pelas pessoas, circula-se pela casa sempre rigorosamente com alguma coisa à mão, têm-se sempre ao menos dois empenhos a serem resolvidos contemporaneamente, declara-se de evitar escrupulosamente os tempos mortos...

E há um sinal diante do qual pode-se ter a certeza de estar na presença da doença**:** a Irmã enferma tem sempre um motivo para desertar o recreio. Há Irmãs que nunca estão no recreio, e sabem por quê? São vítimas da otimização**:** aqueles vinte minutos nos quais, finalmente, pode-se encontrar quem talvez apenas se viu no café da manhã, são para elas um verdadeiro tormento. Digo-o seriamente!

Para uma pessoa ativa, constantemente atarefada em mil ocupações, que não tem tempo para respirar, comer, rezar... Aqueles vinte minutos fechada em uma sala onde ninguém faz nada de essencial, onde há quem conta uma piada, quem faz crochê, quem transmite uma notícia de jornal, pela qual interceder, quem se faz ajudar a levar adiante pequenos trabalhos para o dia seguinte, quem se informa sobre a saúde de uma idosa e até quem joga dama ou baralho, bem, acreditem-me para aquela pessoa aqueles vinte minutos "perdidos" causam uma dor indescritível.

Não falo, é claro, daquelas Irmãs que devem desenvolver determinados ofícios próprios naqueles minutos, mas daquelas que escapam assim que dispara a hora x**;** se a comunidade tem sorte, consegue revê-las no início da boa-noite, caso contrário, somente no dia seguinte!

Ora, digo eu, se aquele é o momento no qual se recuperam um pouco as energias e se estreitam os nossos laços, evidentemente estas se recreiam em outro lugar, com qualquer outra coisa ou pessoa, porque ninguém pode viver sozinho, muito menos se escolheu viver em comunidade!

Eu, ao contrário, gosto muito do recreio, mas assim que começa a boa-noite adormeço.

Estarei enferma também eu?!

Palavra de C.

No próximo número

DOSSIÊ: *ALARGAI O OLHAR... ENCONTRO*
Somente um encontro verdadeiro com Jesus nos leva a reler a realidade e a transformar-nos a partir de dentro. A nossa mudança torna-se força transformadora da realidade. A espiritualidade salesiana do cotidiano alimenta uma cultura do encontro que nos torna próximos aos jovens e aos leigos.

CULTURA ECOLÓGICA: *RUMO A QUALQUER COISA DE NOVO*
O tema da Expo Milão 2015 é "Nutrir o Planeta, Energia para a Vida". As áreas temáticas constituem uma verdadeira rede que faz a interface com as coisas do mundo, levando a entender que é importante conhecer e aperfeiçoar cada fase da cadeia alimentar, pois, de cada uma delas depende o sucesso do processo inteiro

.

FIO DE ARIADNE: *POR TRÁS DAS MÁSCARAS*
O artigo apresenta os mecanismos de defesa com particular referência à experiência da liderança**:** senso de superioridade, imposição, racionalização, identificação com o papel, proteção, análises e propostas de alguns caminhos de solução.

COMUNICAR: *COMUNICAÇÃO E CARISMA*
Estar presentes no cenário mundial de hoje não é uma escolha opcional, mas um dever, um modo para se fazer escutar (com a condição de saber fazê-lo). A necessidade de verificar e renovar a linguagem, de encontrar modalidades novas de comunicação, em sintonia também com os leigos, é uma prioridade.

CARISMA E LIDERANÇA: *ACOLHER-SE E PERDOAR-SE NA FÉ*
As temáticas enfrentadas, com referência carismática a Madre Mazzarello são**:** comunicar de modo autêntico a gestão dos conflitos e o asserto.

da mihi animas:
o nosso modo
de crescer juntas

dma dom bosco

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

OBTÉM-SE MAIS
COM UM OLHAR DE BONDADE
DO QUE COM MUITAS ADVERTÊNCIAS...

DOM BOSCO